



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

**A CONTRIBUIÇÃO DOS HOMENS MANICUROS PARA A DESMISTIFICAÇÃO
DA IDEIA DE EXISTÊNCIA DE PROFISSÕES TÍPICAMENTE FEMININAS EM
MOÇAMBIQUE**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de
Mestre em Género e Desenvolvimento, na Universidade Eduardo Mondlane

Ana Isabel Rodrigues da Costa Nobre Johane

Maio, 2024



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

A CONTRIBUIÇÃO DOS HOMENS MANICUROS PARA A DESMISTIFICAÇÃO DA
IDEIA DE EXISTÊNCIA DE PROFISSÕES TIPICAMENTE FEMININAS EM
MOÇAMBIQUE

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de
Mestre em Género e Desenvolvimento, na Universidade Eduardo Mondlane

Ana Isabel Rodrigues da Costa Nobre Johane

Supervisoras: Prof^a Doutora Lurdes da Balbina Vidigal Rodrigues da Silva
Prof^a Doutora Vera Fátima Gasparetto

Maio, 2024



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

**A CONTRIBUIÇÃO DOS HOMENS MANICUROS PARA A DESMISTIFICAÇÃO
DA IDEIA DE EXISTÊNCIA DE PROFISSÕES TÍPICAMENTE FEMININAS EM
MOÇAMBIQUE**

Dissertação submetida ao Departamento de Arqueologia e Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre.

A candidata: Ana Isabel Rodrigues da Costa Nobre Johane

O Presidente	O Supervisor	O Arguente	Data
Prof. ^a Doutora Marta Mendonça	Prof. ^a Doutora Lurdes Rodrigues da Silva	Prof. Augusto Guambe	____/____/2024

Eu, **Ana Isabel Rodrigues da Costa Nobre Johane**, declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para obtenção de qualquer grau ou num outro âmbito e que ela constitui o resultado do meu labor individual. Esta dissertação é apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Género e Desenvolvimento, na Universidade Eduardo Mondlane.

Maputo, Maio de 2024

A Mestranda

Ana Isabel Rodrigues da Costa Nobre Johane

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Deus, por me dar forças para continuar com os estudos, nos momentos em que ficava desanimada, e por ajudar-me a arranjar soluções para os vários problemas que apareceram ao longo dessa jornada académica.

Em segundo lugar, o meu agradecimento vai para a Professora Doutora Lurdes Rodrigues da Silva, por me incentivar a fazer o mestrado, pelo suporte que deu ao longo do curso e por todo o apoio que tem dado na minha vida pessoal e profissional. Jamais terei palavras suficientes para expressar a minha profunda gratidão.

Aos meus pais, João Ana da Costa Nobre e Maria da Conceição Vidigal Rodrigues, muito obrigada pelo incentivo, lembrando-me sempre que eu deveria terminar o mestrado e não ficar a escrever indefinidamente. À minha sogra, Dorteia Ambrósio, muito obrigada pelo incentivo! Aos meus tios, às minhas irmãs, Viviane e Haifa, aos meus primos Magda, Gafar, Carlitos e Allau, o meu agradecimento profundo.

À Professora Doutora Vera Gasparetto, muito obrigada pelo incentivo e disponibilidade em querer trabalhar comigo. Expresso a minha gratidão profunda por mostra-me as opções mais práticas para orientar o meu trabalho, por estar disposta a fazer as correcções e a dialogar, mesmo estando distante, no Brasil. Jamais me esquecerei de si e do seu gesto, Professora, muito obrigada por ajudar-me, com a sua forma simpática de ser, a ultrapassar as incertezas que tive ao longo dessa caminhada.

Ao meu marido, Hércules, muito obrigada, por sempre insistir comigo para voltar à universidade para fazer o Mestrado.

À minha colega e amiga Maria Alice por, quase todos os dias, perguntar se consegui escrever uma parte da dissertação, na noite anterior, e repreender-me quando eu dizia que não havia escrito nada. O seu pequeno gesto foi muito importante para mim. Lembro-me que sempre que conseguia escrever alguma coisa, sorria ao lembrar-me dela, a repreender-me como se estivesse a repreender uma criança que não fez o T.P.C. (Trabalho para Casa).

Aos colegas Danifo, Mateus, Isaque, Florêncio, Yula e Teresa, os meus agradecimentos pelos ensinamentos que passaram ao longo da caminhada. Febe, muito obrigada pelo incentivo!

Às minhas trabalhadoras Isabel e Arcénia, que algumas vezes, quando eu não tinha com quem deixar as minhas filhas, Aiko e Okia, tiveram que pernoitar em minha casa para que eu pudesse assistir as aulas até às 20h, sem ter que fugir. Muito obrigada pelo gesto que fizeram, sem pedir nada em troca.

Aos Professores do Curso de Mestrado em Género e Desenvolvimento, Carla Braga, Esmeralda Mariano, Samuel Quive, Orlando Nipassa, Inês Raimundo, muito obrigada pelos ensinamentos que passaram. Carregarei um pouco do que aprendi com cada um de vocês para a vida toda. Professora Esmeralda, muito obrigada por permitir que tivesse contacto com os textos maravilhosos que trazia para as recensões. Foram muito importantes para mim e permitiram que eu descobrisse coisas que antes me eram desconhecidas.

Ao senhor Jacinto Nhantumbo, muito obrigada pelo incentivo e pela paciência em responder às minhas intermináveis e repetidas perguntas.

À minha colega e amiga, Cecília Muianga, muito obrigada pelo apoio. Aos meus colegas de trabalho e a todos que, directa ou indirectamente, prestaram o seu apoio, o meu muito obrigada!

RESUMO

O presente estudo tem como objectivos: (i) Avaliar o contributo dos homens manicuros na desmistificação da ideia de existência de profissões consideradas tipicamente do género feminino em Moçambique; (ii) analisar as motivações que fazem com que eles escolham essa profissão; (iii) identificar os desafios que eles enfrentam no exercício das suas actividades e (iv) examinar as estratégias que os mesmos utilizam para ultrapassar os desafios encontrados no exercício das suas actividades como manicuros.

O estudo tem uma abordagem qualitativa. Os dados foram recolhidos nas Cidades de Maputo e Matola. Foram realizadas 22 entrevistas em profundidade, sendo 15 com manicuros do género masculino e 7 com indivíduos que não são manicuros e cinco (5) observações não-participantes das actividades dos manicuros. Os participantes deram consentimento formal. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas de forma temática tendo em conta os objetivos do estudo.

Os resultados do estudo demonstram que (i) os manicuros contribuem para a desmistificação da ideia de que existem profissões consideradas tipicamente femininas, pois a maior parte das pessoas não estranham e aceitam bem o facto de um homem trabalhar como manicuro; (ii) os manicuros foram motivados a exercer esta actividade devido à necessidade de obter meios financeiros para o sustento; (iii) os manicuros enfrentaram desafios relacionados com a dificuldade de fazer as unhas dos clientes e preconceitos; e (iv) a concentração no trabalho e a procura por manicuros mais experientes foram as estratégias utilizadas pelos manicuros para ultrapassarem os desafios encontrados no exercício das suas actividades.

Palavras-chave: homens, manicuros, desmistificação, género.

ABSTRACT

The present study aims to: (i) evaluate the contribution of male manicurists in demystifying the idea of professions considered strictly for women in Mozambique; (ii) analyse the motivations that make them choose this profession; (iii) identify the challenges they face in carrying out their activities and (iv) examine the strategies they use to overcome the challenges they encounter in carrying out their activities as male manicurists.

The study has a qualitative approach. Data were collected in the cities of Maputo and Matola. 22 in-depth interviews were carried out, 15 with male manicurists and 7 with individuals who are not manicurists. Participants gave formal consent. The interviews were recorded, transcribed, and analysed thematically to identify patterns of similarity between responses.

The results of the study show that (i) the male manicurists contribute to the demystification of the idea that there are strictly female professions, as most people accept the fact of a man working as a manicurist; (ii) manicurists were motivated to work due to the need to earn a living; (iii) manicurists faced challenges related to difficulties in doing the clients' nails and facing prejudices and (iv) focusing on work and looking for more experienced manicurists were strategies used by the manicurists to overcome the challenges they encounter in carrying out their activities.

Keywords: men, male manicurists, demystification, gender.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. Contextualização	12
1.2. Problema	15
1.3. Objectivos	16
1.3.1. Objectivo geral	16
1.3.2. Objectivos específicos:	16
1.4. Questões de pesquisa.....	16
1.5. Relevância.....	17
1.5.1. Para a sociedade	17
1.5.2. Para a ciência	17
1.6. Motivação.....	18
1.7. Estrutura.....	19
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	20
2.1. Quadro conceptual.....	20
2.2. Homem	20
2.2.1. Manicuro	20
2.2.2. Desmistificação.....	21
2.2.3. Género.....	21
2.2.4. Trabalho	22
2.3. Quadro teórico	23
2.3.1. Teoria de Circunscrição e do Comportamento da Escolha Vocacional de Gottfredson	23
2.4. Motivações da escolha profissional.....	24
2.5. Relação entre género e escolha profissional	26
2.6. Os contornos da profissão de manicuros	27
2.7. Manicuros e desafios de trabalho	30
2.8. Sofrimento e prazer no trabalho	31
3. METODOLOGIA.....	33

3.1. Classificação da pesquisa	33
3.2. Local e período de realização da pesquisa.....	33
3.3. População e participantes do estudo	34
3.3.1. Escolha dos participantes	35
3.3.2. Critérios de inclusão e exclusão.....	36
3.3.3. Critérios de inclusão	36
3.3.4. Critérios de exclusão.....	36
3.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	36
3.5. Técnicas de análise de dados	37
3.6. Aspectos éticos.....	38
3.7. Limitações do estudo.....	38
4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	38
4.1. Motivações que levam um homem a trabalhar como manicuro.....	39
4.2. Desafios enfrentados ao realizar o trabalho de manicuro.....	40
4.3. Estratégias que os manicuros adoptam para ultrapassar as dificuldades enfrentadas	42
4.4. Percepção das pessoas em relação aos homens manicuros e o contributo dos mesmos para a desmistificação da ideia da existência de profissões consideradas tipicamente femininas em Moçambique	42
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	45
5.1. Motivações que levam um homem a trabalhar como manicuro.....	46
5.2. Desafios enfrentados ao trabalharem como manicuros	47
5.3. Estratégias que os manicuros adoptam para ultrapassar as dificuldades enfrentadas	50
5.4. Percepção das pessoas em relação aos homens manicuros e o contributo dos mesmos para a desmistificação da ideia da existência de profissões tipicamente femininas.....	52
6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	57
6.1. Conclusões	57
6.2. Recomendações	58

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICASErro! Indicador não definido.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização

A segregação das profissões por género tem constituído um factor de discriminação para as mulheres e para os homens, pois contribui para a criação de estereótipos (Santos & Amâncio, 2014). Atribuí-se ao homem tarefas ligadas à força, ao poder. Tarefas essas que demonstram a sua virilidade. À mulher são atribuídas tarefas ligadas aos sentimentos, tarefas essas que reforçam a ideia de fraqueza e intuição (Cabral & Diaz, 1998)

O trabalho surge quando o ser humano sente a necessidade de procurar uma mudança para uma situação em que ele se encontra. Deste modo, ele desenvolve o trabalho como forma de responder à determinadas necessidades. Assim, o trabalho tem acompanhado o homem desde os tempos mais remotos, devido a constante necessidade de procurar melhorar a sua vida e a vida dos seus companheiros.

O trabalho é uma actividade tipicamente humana. Na pré-história, o trabalho estava associado à sobrevivência e era feito para garantir a alimentação (Bevilaqua & Berni, 2017). Para além disso, o trabalho permitia ter abrigo e caçar.

Nas sociedades primitivas não havia distinção de tarefas de acordo com o género. Nessas sociedades, os papéis de género eram equilibrados e o trabalho era feito para o bem de todos (Leite, Figueiredo, Gomes, & Nunes, 2017).

Na era primitiva, a agricultura era a principal actividade económica e a maternidade estava associada à fecundidade da terra (Leite *et al.*, 2017). O trabalho feito de forma natural e lúdica porque não se fazia distinção entre estar a trabalhar e não estar a trabalhar (Nogueira F., 2020).

Nas sociedades antigas, a mulher tinha maior liberdade sexual e era responsável pela manutenção da sociedade, uma vez que os homens ficavam muito tempo fora, ocupados com guerras, caças e outros possíveis afazeres (Leite *et al.*, 2017).

Com o início da criação de animais e da prática da agricultura, os seres humanos tornam-se sedentários, fixando-se num determinado lugar e produzindo alimentos. Dessa produção, foi possível ter excedentes que permitiram que houvesse troca do que foi produzido com produções de outras regiões. O trabalho sofreu várias transformações à medida que surgiram

novas formas de produção. Importa ressaltar que foi nesse período que apareceram as primeiras ferramentas, feitas basicamente de pedras e pedaços de pau.

Na Idade Antiga, época do surgimento das grandes civilizações como o Egito, a Grécia, a Mesopotâmia, a China e Roma, existiam três (3) tipos de trabalhos: trabalho livre, escravatura e servidão (Rossi, 2011).

Na civilização grega, por exemplo, o trabalho livre era desvalorizado e o homem livre dedicava-se à actividade intelectual (Silva, 2019).

A escravatura era resultado de: (i) dívidas, onde quem não tivesse como pagá-las deveria trabalhar como escravo de quem ele devia; e (ii) guerras, em que o exército que vencia transformava em escravos os derrotados (Rossi, 2011). O trabalho tinha uma função produtiva e o escravo era objecto de propriedade (Silva, 2019).

A servidão era resultado da dependência entre o escravo e o seu senhor, em que os proprietários de terra deixavam os camponeses usarem as suas terras desde que pagassem tributos, que eram uma boa parte do que os camponeses produziam (Rossi, 2011). Deste modo, todo o trabalho da Antiguidade estava relacionado com a escravatura (Nogueira, 2020)

Com o sistema de propriedade privada, foi introduzido o conceito de família monogâmica e a mulher começou a viver de forma isolada (Leite *et al.*, 2017). Deste modo, o trabalho passou a ser dividido de acordo com o género, a chamada *divisão sexual do trabalho*. Ao homem, eram reservados trabalhos fora de casa e às mulheres era reservada a tarefa de cuidar da casa e dos filhos. Tílio (2014, citando Parisoto, 2003), afirma que o *essencialismo biológico* apontava que a divisão do trabalho partia do pressuposto decorrente das características biológicas que percebia os homens como maior massa muscular, conseqüentemente mais fortes e destemidos, e as mulheres com menor massa muscular e, conseqüentemente mais fraca e com a capacidade de cuidar.

De acordo com Nogueira (2020, citando Pieranti & Martins 2015), já nos primórdios do Cristianismo, o trabalho era visto como meio de compaixão e de expiação do pecado original. Na Idade Média em que a Igreja Católica, por exemplo, determinava os pressupostos das relações familiares, propagava-se que o homem é a cabeça da mulher (I Coríntios 11:3 - A Bíblia da Mulher que Ora) e que as mulheres são subordinadas ao homem (I Timóteo 2:11-15 - A Bíblia da Mulher que Ora). Os maridos controlavam os interesses das suas esposas e o

seu comportamento. Essencialmente, as tarefas das mulheres resumiam-se aos cuidados (do lar e do marido) e à procriação.

A intervenção da Igreja Católica permitiu formular os papéis sexuais e sociais de homens e mulheres na família definida pelo casamento (Tílio, 2014). A maternidade foi uma ferramenta usada pela Igreja Católica, por exemplo, para assegurar que as mulheres ficassem no meio doméstico (Quitete, Vargens, & Progianti). Deste modo, a distinção entre "mulheres certas" e "mulheres erradas" e a imposição de condutas consideradas certas contribuíram para a manutenção da mulher no seio doméstico (Quitete *et al.*, 2010). Assim, segundo Nogueira (2020), o trabalho na Idade Média também era visto como forma de superar as tentações.

A intensificação do comércio na Idade Média transformou as características do trabalho, permitindo o surgimento dos artesãos e suas oficinas. Contudo, nesse período os trabalhadores não tinham um salário fixo, pois recebiam diversos tipos de produtos em troca dos artesanatos que eles faziam.

Tílio (2014, citando Knibiehl, 1993) aponta que no século XVIII e XIX, os médicos divulgavam o discurso de que o gênero e a sexualidade tinham um caráter científico. Esse discurso foi reforçado pela *Teoria de Charles Darwin*, aplicada no campo das ciências sociais, que formulava que a sexualidade era uma extensão da natureza biológica que permitia a perpetuação da espécie (Tílio, 2014).

Com a Revolução Industrial, as pessoas deixaram de trabalhar no campo e passaram a trabalhar nas cidades. A industrialização permitiu que aparecesse o trabalho assalariado, em que o indivíduo vendia a sua força de trabalho em troca de um trabalho fixo, de acordo com o tempo de trabalho. Nessa altura, os trabalhadores podiam trabalhar até 18 horas diárias. Deste modo, muitas fábricas davam preferência a contratação de mulheres e crianças para poderem pagar um salário baixo.

Ainda no século XIX, era preferência que o homem fosse o único a sustentar o lar e a mulher cuidasse apenas do lar (Quitete *et al.*, 2010). Aliado a isso, a maternidade continuava a ser incentivada, através do discurso médico que disseminava a ideia de que se precisava que os braços aumentassem para aumentar a produção (Quitete *et al.*, 2010). Assim, apenas as mulheres pobres poderiam trabalhar, se o trabalho fosse uma continuidade das suas tarefas do lar, ao passo que as mulheres ricas ficavam inibidas de trabalhar, pois o trabalho demonstraria possível situação de pobreza e fracasso do marido.

Segundo Quitete *et al.* (2010), a entrada da mulher na esfera pública deu-se com a I Guerra Mundial. Nessa altura, com os homens em combate, a mulher ficou responsável por substituí-los na condução dos táxis, na indústria metalúrgica, em lavrar os campos e vender o gado (Quitete *et al.*, 2010). Mesmo com isso, com o final da guerra esse cenário foi invertido, o homem voltou ao seu lugar e, conseqüentemente, a mulher regressou a esfera doméstica (Quitete *et al.*, 2010).

Actualmente, o trabalho é considerado por alguns autores como uma fonte de realização pessoal (Furtado, 2013). Para além disso, o trabalho é uma forma de estabelecer relações sociais, pois permite a transmissão de valores ao estimular que as pessoas lutem por melhores condições de vida (Oliveira & Ventura, 2018). Estudos também apontam que o trabalho ajuda a definir a identidade pessoal e o “status” que um indivíduo tem na sociedade (Paschoal, Torres, & Porto, 2010).

Infelizmente, nos dias de hoje, a categoria de trabalho está relacionada apenas ao trabalho assalariado, exercido por um indivíduo do género masculino, no espaço urbano (Barbosa, 2011), deixando-se de lado o trabalho que feito dentro de casa, pelas mulheres, que muitas vezes não é remunerado.

1.2. Problema

Existem muitas pesquisas que têm como foco a mulher que exerce tarefas que são exclusivamente masculinas. Essas pesquisas como “Gestão dos tempos e do percurso profissional: estratégias das mulheres em profissões definidas no masculino” (Nogueira & Castelhana, 2012); “Mulheres e feminilidade em culturas ocupacionais de hegemonia masculina” (Silva S. , 2010) e “O trabalho das mulheres em áreas relacionadas à tecnologia e engenharia: estudo de caso sobre a inclusão feminina na construção civil” (Oliveira, Gonçalves, Dias, & Zaganelli, 2020) são muito importantes pois permitem compreender os obstáculos que as mulheres encontram ao entrarem num “mundo” tradicionalmente masculino e o contributo que elas têm dado para o desenvolvimento dos seus sectores de trabalho. Contudo, existem poucas pesquisas que abordam o papel que o homem tem desempenhado ao exercer tarefas tidas como exclusivamente femininas e os desafios que ele enfrenta.

Desde a infância que há distinção de tarefas masculinas, relacionadas ao papel de provedor do homem e femininas, como os cuidados da casa e da família (Barros & Mourão, 2018). Primeiro, no seio familiar, depois na escola. Esta distinção contribui para reforçar os estereótipos de que existem trabalhos ou tarefas tipicamente masculinas e femininas (Rapkiewicz, 1997). A pobreza, o desemprego, o prazer, as desigualdades sociais e a constante dinâmica da vida e das oportunidades de trabalho têm levado alguns homens, já na fase adulta, a optarem por desempenhar funções que há algum tempo eram vistas como femininas. A escolha dessas funções é feita rompendo os paradigmas do conceito género.

1.3. Objectivos

1.3.1. Objectivo geral

- Avaliar o contributo dos homens manicuros para a desmistificação da ideia de existência de profissões consideradas tipicamente do género feminino em Moçambique.

1.3.2. Objectivos específicos:

- Analisar as motivações que levam o manicuro a escolher essa profissão;
- Identificar os desafios que os homens manicuros enfrentam no exercício das suas actividades;
- Examinar as estratégias que eles utilizam para ultrapassar os desafios enfrentados;
- e
- Aferir as percepções das pessoas em relação ao trabalho dos homens manicuros e o seu contributo para a desmistificação da ideia da existência de profissões consideradas tipicamente femininas em Moçambique.

1.4. Questões de pesquisa

Para esta pesquisa, tendo em conta os objectivos que se pretendem alcançar, foram escolhidas as seguintes questões:

1. Quais são as motivações para a escolha da profissão de manicuros?
2. Quais são os desafios enfrentados pelos homens que trabalham como manicuros?

3. Que estratégias eles encontram para ultrapassar esses desafios?
4. Que percepções as pessoas têm do trabalho que os homens manicuros fazem e o contributo que os homens manicuros trazem para a desmistificação da ideia de existência de profissões consideradas tipicamente femininas em Moçambique?

1.5. Relevância

1.5.1. Para a sociedade

Discutir que contributos os homens que trabalham como manicuros têm dado para a desmistificação da ideia de que existem profissões tipicamente adequadas apenas para indivíduos de um determinado género e abordar os possíveis desafios que esses homens enfrentam ao fazerem trabalhos considerados femininos, irá ajudar a ultrapassar determinadas barreiras culturais e sociais a que esses homens estão sujeitos. Para além disso, contribuirá para a tomada de consciência de que qualquer ser, independentemente do seu género, que esteja dotado de capacidade e vontade, pode fazer o trabalho que quiser e despertará a consciência das pessoas sobre a emergência desses profissionais que assim como os profissionais de outras áreas precisa de ter o seu trabalho regulamentado.

1.5.2. Para a ciência

Este tema será relevante para a ciência, concretamente para a área de estudos de género, devido a existência de escassas pesquisas que abordam a “masculinização” de áreas de trabalho tradicionalmente femininas. Para além disso, as pesquisas bibliográficas feitas em artigos disponíveis em revistas científicas do Google Académico levou-nos a chegar à conclusão de que existem poucas pesquisas sobre os manicuros no contexto moçambicano. A pesquisa será relevante para a área de estudos de género porque permitirá abordar os desafios enfrentados pelos homens ao fazerem um trabalho considerado tipicamente feminino e perceber a percepção que as pessoas têm em relação ao contributo que os homens que trabalham como manicuros trazem para a desmistificação da ideia da existência de profissões consideradas tipicamente femininas em Moçambique.

1.6. Motivação

A motivação para a escolha do tema dessa dissertação surgiu ao observar que nos últimos anos (provavelmente de 2010 para cá) alguns homens da cidade de Maputo se têm dedicado ao trabalho como manicuros, cuidando das unhas das mãos e pés de outras pessoas, uma actividade que é percebida como uma tipicamente feminina. Essa observação despertou em mim o fascínio pela profissão, a vontade de entender quais são as motivações que os levam a trabalhar como manicuros e qual é a percepção que as pessoas têm desse trabalho.

De igual modo, das pesquisas bibliográficas feitas em artigos científicos e electrónicos do Google Académico com a entrada para busca “homens em trabalhos femininos em Moçambique” ou outro título parecido, constata-se a inexistência de pesquisas que abordam homens que fazem trabalhos considerados tipicamente femininos em Moçambique. A pesquisa, leva a artigos relacionados ao género e trabalho doméstico; género e modernização; masculinidade, sexualidade e HIV/SIDA; empregadas domésticas em Moçambique; mulheres no ensino técnico; mulheres no parlamento e outros títulos parecidos, que não se relacionam com a temática pretendida para a análise. Alguns desses artigos abordam apenas a entrada das mulheres em universos considerados masculinos e não o inverso, isto é, não abordam a entrada de homens em universos considerados femininos.

Contudo, com a entrada para busca por homens em trabalhos femininos no Brasil ou outro título parecido podemos encontrar alguns títulos que abordam a entrada do homem brasileiro em universos considerados femininos, como homens e serviço social; psicologia como profissão feminina; vozes masculinas numa profissão feminina e outros títulos com a mesma temática. Esse facto, demonstra a necessidade de se fazerem pesquisas que abordam a entrada de homens em trabalhos considerados femininos.

Deste modo, a vontade de discutir um tema que parece inovador também constituiu factor motivador da pesquisa. É nosso entendimento que discutir o que leva um homem a optar por essa profissão, abordar os possíveis desafios que ele enfrenta e perceber em que medida ele contribui para a desmistificação da ideia de que existem profissões tipicamente femininas irá ajudar a ultrapassar algumas barreiras culturais e sociais a que a sociedade está sujeita.

A separação de profissões por género permite atribuir-se aos homens trabalhos relacionados com a força e às mulheres trabalhos relacionados com os cuidados. Actualmente, assistimos a uma espécie de “troca de papéis”: as mulheres realizam trabalhos que eram considerados

“tipicamente” masculinos e os homens realizam os ditos “trabalhos femininos”. Assim sendo, a vontade de perceber quais são os desafios que os manicuros enfrentaram no início das suas actividades e as estratégias que eles encontram para ultrapassar esses desafios também foram outras motivações para a realização dessa pesquisa.

1.7. Estrutura

O estudo apresenta seis (6) capítulos, nomeadamente: o primeiro, em que é feita uma breve introdução do trabalho, apresentando-se a contextualização, o problema do estudo, os objetivos, as questões de pesquisa, a relevância do estudo, a motivação e a estrutura da dissertação; o segundo capítulo, em que é apresentada a revisão bibliográfica com a definição do quadro conceptual e do quadro teórico que serviram de base para o estudo; o terceiro capítulo em que é descrita a metodologia que orientou a realização do estudo; o quarto capítulo, em que são apresentados os resultados do estudo; o quinto capítulo, onde é feita a análise e discussão dos resultados; o sexto capítulo, onde são apresentadas as conclusões e recomendações do estudo.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Quadro conceptual

No presente quadro conceptual serão apresentados alguns conceitos que fazem parte do estudo e a adequação deles ao trabalho. Os conceitos apresentados serão: homem, manicuro, género desmistificação e trabalho.

2.2. Homem

Homem é definido por ser aquele que tem actividade consciente que o difere do comportamento variável dos animais (Luria, 1991). O homem também é definido como um animal que usa a linguagem, é racional, consciente de si e fica constrangido com a opinião alheia (Ingold, 1995).

Uma outra definição do homem é aquela em que ele é percebido como a representação do neutro e do positivo (Beauvoir, 1949). Para essa autora o termo homem significa seres humanos.

No campo da masculinidade o homem é definido como é aquele que tem os valores como garra, virilidade, poder e bravura, valores esses tipificados como masculinos (Postinguel, 2015). Segundo Postinguel (2015, citando Oliveira, 2004), o homem é identificado pelo facto de ser provedor da família.

As definições apresentadas indicam-nos a complexidade do conceito de homem e demonstram-nos que esse conceito pode variar, de acordo com o contexto.

2.2.1. Manicuro

Manicuro é o profissional responsável pela saúde e beleza das unhas das mãos e dos pés através de técnicas, ferramentas e produtos específicos (Santos, Ribeiro, & Prudêncio, 2020).

O manicuro cuida das mãos dos seus clientes polindo e pintando as unhas (Eufrásio, Santos, & Novotny, 2011).

Das duas definições apresentadas, nota-se que tem em comum o facto deles cuidarem das unhas das mãos e dos pés dos clientes.

2.2.2. Desmistificação

A **desmistificação** é conceituada na Infopédia como sendo a retirada do carácter misterioso ou mítico de alguma coisa.

Dismistificar é também denunciar um erro ou engano (Editora, 1999). Assim, pretendemos, nesse trabalho, usar o termo desmistificação como a possibilidade de corrigir determinada ideia que consideramos errada.

2.2.3. Género

O género é definido por Cabral & Diaz (1998) como sendo “as relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais.” O género também é definido como diferenças sexuais social e culturalmente construídas (Rago, 1998). Por outro lado, o género é visto como sendo as formas como as relações entre homens e mulheres são concebidas (Scott, 2010). A autora considera que "género" é o estudo da relação conflituosa entre o normativo e o psíquico (Scott, 2010).

O género também pode ser definido como a construção social do masculino e do feminino (Januário, 2016). Ao analisarmos as definições apresentadas, percebemos que está patente nelas a ideia de que o conceito “género” gravita em volta do homem, da mulher e daquilo que a sociedade espera deles e é percebido pelas diferenças sexuais existentes entre eles.

Uma outra definição de género que nos é aqui trazida é de (Scott, J., 1995). Essa definição é mais complexa e encerra duas definições numa só: por um lado, o género é visto como um elemento das relações sociais percebidas na diferença entre sexo e por outro lado, é concebido como uma forma de dar significado às relações de poder. Podemos perceber da definição proposta por Scott (1995), assim como da proposta por Cabral & Diaz (1998) que as relações sociais têm um papel fundamental na definição de género.

Cappelle & Melo (2010, citando Bourdieu, 1999), definem essas relações como um processo histórico de reprodução que permite a construção social e disfarça a divisão de géneros na sociedade. Segundo Cappelle & Melo (2010), distinguir sexo e género seria uma forma de distinguir as habilidades ou limitações de acordo com características sexuais e biológicas.

Contudo, as relações nem sempre são de poder ou desigualdade e elas não são estáticas, elas variam de cultura para cultura ou de sociedade para sociedade (Praun, 2011).

O género também é visto como o mecanismo pelo qual as noções do masculino se produzem e naturalizam (Butler, 2014). Para essa autora, o género também permite a desconstrução e naturalização do masculino e do feminino. Essa ideia também é apresentada por (Nogueira C., 2001), que aponta que género é o significado atribuído às negociações entre os indivíduos que são consideradas masculino ou feminino, não devido ao sexo, mas devido a situações em que determinada performance ocorre. Deste modo, o género deve ser dissociado do sexo e ser percebido como produto de um complexo sistema de interações que só são percebidas nos contextos em que ocorrem.

Loforte (2007) considera que o género é influenciado pelas relações familiares porque a família é a unidade que produz e reproduz os sujeitos sexuais. Na adolescência, por exemplo, as relações domésticas variam de rapazes para raparigas. Nessas relações, a rapariga é educada com valores que a associam à família e permitem que ela aceite o papel que deve desempenhar no seio da família.

2.2.4. Trabalho

Trabalho é a acção que o homem exerce sobre a natureza, de forma a controlá-la e torná-la útil para a sua vida (Almeida, 2014). O trabalho também é visto como a acção do homem que consiste em transformar matérias de modo a serem úteis para a sua vida (Hirata & Zarifian, 2003). Os homens e as mulheres se envolvem socialmente no trabalho para produzir os meios de sua existência (Schwartz, 2011).

O trabalho é percebido de forma diferente, variando de pessoa para pessoa (Schwartz, 2011). Essa afirmação do autor é corroborada pelos conceitos acima apresentados, que se assemelham pelo facto de demonstrarem a dualidade do trabalho: o envolvimento do homem e a necessidade de obter algo para a sua subsistência. Contudo, a definição de Schwartz (2011) não aponta o homem como um ser neutro, mas também faz referência ao envolvimento da mulher no trabalho.

Esses conceitos apresentados estão presentes na discussão das motivações da escolha profissional, relações entre género e escolha profissional; contornos da profissão de manicuros; manicuros e as doenças de trabalhos e sofrimento e prazer no trabalho, que são mais a diante apresentadas e julgamos pertinentes para o entendimento dos contornos do trabalho dos manicuros.

2.3. Quadro teórico

Para analisarmos a contribuição dos homens manicuros na desmistificação da ideia de que existem profissões estritamente femininas iremos usar a Teoria de Circunscrição e do Comportamento da Escolha Vocacional de Gottfredson (Gottfredson, 1981). Aqui, pretende-se problematizar a adequação de profissões aos géneros. Assim, considera-se importante perceber o que orienta os homens para escolherem uma profissão considerada feminina, como a profissão de manicuros.

2.3.1. Teoria de Circunscrição e do Comportamento da Escolha Vocacional de Gottfredson

A Teoria de Circunscrição e do Comportamento da Escolha Vocacional de Gottfredson considera que os indivíduos avaliam se uma profissão é ou não adequada baseando-se em quatro critérios: (1) critério biológico ou o sexo; (2) critério social ou de estatuto; (3) critério de interesse ou psicológico e (4) critério ligado ao princípio de realidade ou formação (Neto, Sastre, & Muller, 2001). Segundo o autor da Teoria, de todos os critérios, o critério biológico ou o sexo é o mais importante para determinar as escolhas profissionais. Esse critério é o primeiro na circunscrição e é o mais resistente a mudanças (Neto *et al.*, 2001).

A referida Teoria descreve como as escolhas vocacionais são desenvolvidas, numa vertente psicológica. De acordo com a autora, o desenvolvimento da carreira inicia na infância e se processa ao longo da vida e é condicionado por alguns factores como o género e o prestígio (Neto *et al.*, 2001). Assim, o sexo é o primeiro critério a ser tomado em conta para a escolha de uma profissão. Tal facto acontece porque desde a infância, as crianças distinguem profissões masculinas e femininas. O segundo critério é o estatuto social, que é percebido por

volta dos 10 anos. Com essa idade, as crianças tendem a optar por profissões que elas consideram que têm prestígio na sociedade. Seguindo do terceiro critério, que é o de campo de interesses, percebido por volta dos 14 anos e o último, o critério de acessibilidade, que é percebido na altura em que se tem poucas possibilidades de trabalho (Neto *et al.*, 2001). Nessa altura, o indivíduo avalia as poucas possibilidades de trabalho que tem e opta pelo trabalho que ele considera ser de acesso mais fácil para ele.

A Teoria apresentada irá ajudar-nos a perceber qual dos critérios determinou a escolha profissional dos manicuros, visto que segundo (Gottfredson, 1981), o critério biológico ou de sexo é o principal critério para avaliar se uma profissão é adequada ou não, pois espera-se que os homens façam trabalhos ligados à força. Essa expectativa está ligada às concepções e expectativas que a sociedade tem e construiu ao longo dos tempos sobre o homem.

2.4. Motivações da escolha profissional

Na actualidade, o trabalho e a escolha profissional costumam ser determinados por vários factores. Essa escolha costuma ser difícil (Costa, Chacon, Lima, Medeiros, & Almeida, 2015). Ao fazermos uma análise do que determina a escolha de uma profissão, percebemos que esta é condicionada, muitas vezes por questões económicas, isto é, escolhe-se uma profissão que possa permitir que se tenha rendimentos para custear as necessidades básicas do quotidiano. Para além disso, aspectos familiares e de identificação com a profissão também entram em jogo, quando se pretende determinar que profissão seguir. Segundo Teixeira, Rocha, & Menegotto (2006), algumas teorias já explicam que a escolha profissional está ligada à família e/ou à identificação no seio da família.

Alguns autores consideram que a escolha profissional é condicionada por factores “intrínsecos” e “extrínsecos” à profissão (Rabelo, 2010). Sendo assim, os factores “intrínsecos” estão relacionados ao gosto pela profissão e os factores “extrínsecos”, remetemo-nos às dificuldades de acesso ao mercado de trabalho e à falta de outra opção de trabalho (Rabelo, 2010). O gosto pela profissão seria, assim, a identificação com a profissão e a falta de opção estaria associada à questões económicas.

Durante muito tempo a construção de papéis sociais na relação entre géneros gravitou em torno de dois grupos distintos: a mulher e o homem (Pessoa, Vaz, & Botassio, 2021). O papel

da mulher foi concebido no âmbito reprodutivo: a mulher tinha que realizar tarefas domiciliares e o homem tarefas fora de casa (Pessoa *et al.*, 2021).

A distinção de profissões por género começa a ser percebida desde cedo, na infância, quando meninos e meninas são ensinados a imitar determinadas profissões, de acordo com o seu sexo, distinguindo-se deste modo, profissões masculinas das profissões femininas. Para além disso, o próprio processo de educação na infância distingue o que é adequado para as raparigas e para os rapazes. Nesse processo, as meninas são ensinadas a se sentarem com as pernas fechadas, serem meigas e respeitosas e os meninos a se sujarem e a serem durões (Lima, 2017). Por outro lado, é também ensinado às meninas que elas devem ser mães, esposas dedicadas, donas de casa, para serem felizes e aos homens que primeiro devem ter carreiras profissionais de sucesso, depois disso é que podem se preocupar com cuidados, casamentos e filhos (Lima, 2017).

Teixeira *et al.* (2006) consideram que a forma como a mulher é socializada na infância, por vezes, faz com que no futuro ela faça escolhas profissionais sexualmente estereotipadas, como é o caso de profissões ligadas aos cuidados.

Na escola, reforça-se o papel de aprendizagem a ser menino ou menina. A escola, deste modo, torna-se uma instituição normativa reprodutora do sexismo e papéis de género, mostrando o que é ou não é adequado (Lima, 2017). O autor também considera que a escola também contribui para a discriminação de género pela forma em que está organizada: muitas vezes o homem ocupa cargos de coordenação e supervisão e a mulher é a professora (Lima, 2017). Para além disso, Santos (2011) constata que a escola cobra das meninas cadernos organizados e com letra legível, mas essa mesma cobrança não é feita para os homens.

Lima (2017) considera que é a sociedade que marca os traços considerados masculinos e femininos. Deste modo, a sociedade atribui características aos homens e às mulheres. Às mulheres são atribuídas características que favorecem o ensino, o cuidado, actividades domésticas, sensibilidade, meiguice e tolerância e ao homem são atribuídas características ligadas à liderança, lógica, ousadia (Lima, 2017). Contudo, deve-se perceber que a prática de cuidar nem sempre foi considerada uma prática feminina.

Pereira (2008, citando Pereira, 1991) aponta que ao longo da história encontramos várias evidências que confirmam que cuidar não é uma tarefa tipicamente feminina. Pereira (2008, citando Ferting, 2000), aponta que nas tribos do Brasil, por exemplo, antes da chegada dos

portugueses, os cuidados eram realizados por pajés e mais tarde passaram a ser realizados por religiosos jesuítas e escravos do sexo masculino. Por outro lado, houve períodos em que os cuidados à saúde eram realizados tanto por homens como por mulheres (Pereira, 2008).

Em relação ao mercado de trabalho, pode notar-se que as mulheres têm a tendência de seguirem carreiras mais femininas devido à existência de esteriótipos de género. Teixeira *et al.* (1998, citando Phillips & Imhoff, 1997) aponta que algumas mulheres que se identificam com traços “masculinos” e “femininos”, em simultâneo, têm tido a tendência de optar por profissões que não são tradicionalmente femininas. Ao passo que os homens, devido aos esteriótipos associados à masculinidade, devem mostrar-se competentes, independentes e trabalhadores (Teixeira *et al.*, 1998). Esse esteriótipo acaba fazendo com que os homens não explorem as suas potencialidades (Teixeira *et al.*, 1998).

Furtado (2013, citando Belo & Camino, 2010), afirma que a história formulou que o trabalho remunerado é o trabalho “masculino” ao passo que o trabalho não remunerado é considerado trabalho “feminino”. Apesar disso, actualmente, podemos encontrar mulheres fazendo trabalhos considerados mais adequados para homens, como electricista, piloto de avião e mecânica, e homens ocupando cargos considerados adequados para mulheres, como cozinheiros, cabelereiros e manicuros (Santos, 2011).

Pessoa, Vaz & Botassio (2021) apontam que as profissões consideradas femininas têm remuneração mais baixas em relação às profissões masculinas. Consequentemente, surgem diferenças na remuneração por género dentro do mercado de trabalho (Pessoa *et al.*, 2021).

2.5. Relação entre género e escolha profissional

Furtado (2013, citando Bourdieu, 2007) aponta que o trabalho costuma ser visto como “masculino” e “feminino”. Por outro lado, Oliveira & Ventura (2018, citando Lewin, 1980), apontam que há autores que costumam sugerir tipos de carreira: carreira masculina, carreira feminina e carreira mista.

Simões & Zucco (2010, citando Williams, 1995), consideram que os homens que estão em profissões masculinas continuam com valores masculinos. Normalmente, eles são colocados em posições administrativas e de poder. Mesmo nas profissões femininas existe a relação de

expectativa e interesses de género (Simões & Zucco, 2010). Deste modo, as profissões femininas que têm homens trabalhando continuam a ser um mundo masculino de maioria feminina (Simões & Zucco, 2010).

Segundo Oliveira & Ventura (2018), as questões de género e relações de trabalho não devem ser vistas de forma dissociada. Oliveira & Ventura (2018, citando Santos & Takahashi, 2000) também apontam que na maioria das sociedades, há anos, o indivíduo do género masculino é quem sustenta o lar. Contudo, nos últimos anos esse cenário tem mudado e os homens nem sempre são os que sustentam os seus lares ou nem são os únicos provedores dos seus lares, isto é, é possível encontrar cenários em que é a mulher quem sustenta o lar com o seu trabalho ou o homem e a mulher, em simultâneo, são responsáveis pelo sustento do lar. Esse facto deve-se a entrada progressiva da mulher no mercado do trabalho e ao contexto actual em que se percebe que a mulher também pode ser responsável pelo provimento do lar.

O facto de as mulheres sustentarem o lar também pode ser resultado da tendência de “novos arranjos familiares” em que a mulher é quem chefia e sustenta a família (Perucchi & Beirão, 2007). Esses “arranjos” podem ser encontrados em muitas partes do mundo, principalmente nos países ocidentais, e contrariam o modelo tradicional de família (Peruchi & Beirão, 2007).

As relações de género têm um carácter pedagógico na medida em que iniciam no nascimento e continuam para toda a vida (Cabral & Diaz, 1998). Essas relações acentuam a desigualdade nos eixos sexualidade, reprodução, divisão sexual do trabalho e domínio público (Cabral & Diaz, 1998).

2.6. Os contornos da profissão de manicuros

A profissão de manicuro surgiu há 4 mil anos, no sul da Babilónia. Nessa altura, colocavam-se pó de tijolo sólido nas unhas das mãos e dos pés das mulheres. Na China Antiga e no Antigo Egipto, o uso de esmalte indicava um sinal de realeza (Oliveira, 2014). No Antigo Egipto, Cleópatra usava tons mais escuros. Nessa época os generais e militares também pintavam as unhas para irem as batalhas.

Em 1892 surgiram os primeiros salões de manicure, na Europa. Nos anos 50, o hábito de fazer as unhas tornou-se popular. Nessa altura as mulheres usavam palitos para fazer

desenhos e adornar as unhas. As manicures que faziam bons desenhos ganhavam prestígio e reputação por terem os seus desenhos nas unhas de várias mulheres.

Nos últimos 10 anos, aproximadamente, tem vindo a crescer, em Moçambique, a procura pelos serviços de manicuro (Oliveira, 2014). Esses serviços são procurados quando as pessoas querem cuidar das unhas das mãos e/ou dos pés para uma ocasião especial ou apenas pela necessidade de cuidar da própria aparência. Os serviços de manicuros são prestados por homens e/ou mulheres (nos salões de beleza) e maioritariamente por homens (como ambulantes, nas ruas e avenidas das cidades de Maputo e Matola).

Segundo Gaviria (2013, citando Guimarães, Hirata & Sumiko, 2012), os serviços de manicuro são enquadrados na área dos cuidados. Gaviria (2013, citando Molinier, 2005), aponta que os serviços de manicuro também podem ser enquadrados nas relações de poder e subordinação. Outra proposta de enquadramento, que demonstra a transversalidade dessa área, é o enquadramento na área de higiene e ornamentação (Gaviria, 2013).

Santos, Ribeiro & Prudêncio (2020, citando Silveira, 2016), apontam que há estudos mostram que o trabalho dos manicuros é um trabalho desvalorizado. Para Gallon, Magalhães, Viana, & Antonello (2016), a desvalorização de certas profissões impedem-nos de ver as variações de certas experiências de trabalho e perceber a complexidade da vida de determinados trabalhos. Santos (2006) afirma que essa desvalorização também nos impede de aceitar outras formas de saber e perceber que os outros saberes também são importantes para o desenvolvimento e a transformação social.

Entendemos que a desvalorização da profissão de manicuro está também no facto de a indústria estética, muitas vezes, não colocar especificações técnicas nos produtos que são usados pelos manicuros. Outro factor que demonstra a falta de reconhecimento pela profissão é o facto de não se exigir nenhuma qualificação específica para o manicuro, sendo assim, são ignorados os riscos à saúde de quem pratica e de quem recebe os cuidados de manicure (Oliveira, 2014). Santos, Ribeiro & Prudêncio (2020, citando Silveira, 2016), apontam que o desconhecimento de que durante o trabalho estão em contacto com vários microrganismos é outro factor que põe em risco a saúde dos manicuros e dos seus clientes.

Gallon *et al.* (2016) consideram que essa profissão, para o caso de alguns manicuros, ainda tem baixa remuneração e a carga horária de trabalho é determinada por quem emprega o manicuro, para os casos em que o manicuro não trabalha por conta própria. Contudo,

percebe-se que actualmente esse cenário tem mudado, sendo possível encontrar manicuros que consideram que têm uma situação estável devido ao trabalho que fazem.

O trabalho que os manicuros fazem exige higienização, esterilização, desinfecção, uso de objectos cortantes e perfurantes e uso de substâncias químicas que requerem um conhecimento específico. O manicuro aspira o cheiro dos vernizes, das acetonas ou do formol. Assim, esse trabalho coloca a saúde dos manicuros em risco devido a contaminação e transmissão de doenças infecciosas através dos instrumentos que os manicuros usam (Eufrásio, Santos, & Novotny, 2011). Deste modo, é imprescindível que qualquer pessoa que trabalhe como manicuro use material de protecção individual como luvas, batas, máscaras, toucas, óculos de protecção e sapatos fechados, para evitar o contacto directo com matéria orgânica (Eufrásio, Santos, & Novotny, 2011).

Oliveira (2014) questiona quais são os caminhos disponíveis para os manicuros conquistarem reconhecimento social pelo trabalho que fazem. A resposta a essa pergunta passa pela formação contínua, através de cursos para o aperfeiçoamento porque o trabalho exige técnicas e conhecimentos específicos (Oliveira, 2014). Contudo, Santos *et al.* (2020, citando Alheit & Dausien, 2006), consideram que a exigência de uma formação é resultado da opressão que a sociedade faz sobre as pessoas menos qualificadas, impondo padrões de formação para que se possa ter acesso ao mercado de trabalho.

Eufrásio, Santos, & Novotny (2011) consideram que uma forma de garantir qualidade de trabalho para os manicuros é garantir que se faça a higienização do material de trabalho e o devido armazenamento, averiguar a qualidade de serviço e dos produtos e usar correctamente o equipamento de protecção e segurança de forma a evitar a transmissão ou contaminação por doenças como o SIDA, as hepatites virais, a hepatite B e hepatite C. Por outro lado, Santos *et al.* (2020, citando Kuhn & Rene, 2017), consideram que lavar as mãos e a esterilização são as principais práticas de higiene necessárias para o trabalho dos manicuros.

A aprendizagem do trabalho de manicuros é baseada em práticas, isto é, o trabalho aprende-se fazendo (Gallon *et al.*, 2016). Essa aprendizagem é adquirida no convívio com outras pessoas e outros colegas de trabalho (Santos *et al.*, 2020). Assim, os saberes dos manicuros são a história e a forma como eles olham o mundo, tornando a manicure não apenas um trabalho, mas também uma identidade e o trabalho permite desenvolver o saber e melhorar o trabalho (Santos *et al.*, 2020). Deste modo, os cuidados são aprendidos através da observação.

Para além disso, há manicuros que aprendem o trabalho através do convívio no próprio local de trabalho. Isso permite a aquisição de valores e partilha de tradições existentes entre os manicuros (Santos *et al.*, 2020).

2.7. Manicuros e desafios de trabalho

Teixeira & Silva (2014) definem doenças de trabalho como sendo as doenças que aparecem devido à agressividade do local de trabalho e contribuem para acelerar, desencadear ou piorar a saúde do trabalhador. As doenças de trabalho também podem ser encontradas no trabalho dos manicuros porque os manicuros são profissionais polivalentes pois trabalham em diferentes horários, executando várias tarefas em posições irregulares (Vieira & Silveira, 2016). Assim, para Oliveira, et al. (2014) os manicuros são mais susceptíveis à exposição à essas doenças devido ao baixo nível de escolaridade e o regime informal de actividade de alguns deles.

Como já havíamos mencionado, algumas das possíveis doenças de trabalho, associadas à profissão de manicuros são o Vírus de Imunodeficiência Humana (VIH), a hepatite B e C (Teixeira & Silva, 2014). De acordo com Oliveira *et al.* (2014), a hepatite B é uma das doenças de trabalho mais importantes para profissionais como manicuros e barbeiros. Para além de correrem risco de contrair doenças biológicas, quem trabalha com beleza e higiene, corre o risco de contrair doenças físicas e químicas (Oliveira *et al.*, 2014).

Doenças como o VIH, a hepatite B e a hepatite C aparecem em caso de acidentes, devido ao material cortante e perfurante que os manicuros partilham com os clientes. Alguns artigos apontam que há manicuros que tiveram contacto com o sangue do cliente quando estavam sem luvas (Teixeira & Silva, 2014). A exposição ao sangue de indivíduos infectados por hepatite B é a principal fonte de transmissão no trabalho (Oliveira *et al.*, 2014). Tal, deve-se ao facto de uma pequena quantidade de sangue ser suficiente para transmitir doença e os vírus causadores dessas doenças serem resistentes aos desinfectantes comuns (Oliveira *et al.*, 2014).

Os manicuros pouco aderem as normas de biossegurança e quando aderem, usam procedimentos incorrectos e poucos têm conhecimentos sobre normas de prevenção e

transmissão de doenças infecciosas. Assim, Oliveira *et al.* (2014) considera que esse constitui outro factor que contribui para o alto risco de infecção.

Como forma de contornar essas doenças, Oliveira *et al.* (2014), propõe que se faça a limpeza adequada do local de trabalho, desinfecção e esterilização do material cortante e perfurante, higiene correcta das mãos, uso de equipamento de protecção individual, vacinas contra a hepatite B e tétano. Esses procedimentos, permitem a protecção de quem trabalha e do seu cliente. De acordo com Cordeiro, Hemmi, & Ribeiro (2013), o atropelo desses procedimentos se torna um problema de saúde pública, pois contribui para a transmissão de doenças.

Outra possível doença associada ao trabalho dos manicuros é o *distúrbio osteomuscular relacionado ao trabalho-DORT* (Machado, et al., 2010). Esse distúrbio resulta do uso excessivo de determinados músculos, de forma repetitiva (Machado *et al.*, 2010). Assim, para os manicuros, esse distúrbio surge devido a jornada laboral prolongada, em posições desconfortáveis. Outro factor, decorre de os manicuros usarem, por muito tempo, os músculos dos ombros e dos braços, sentados em cadeiras baixas, fazendo um esforço excessivo.

A posição da coluna vertebral é outro factor que é apontado como causador de doença de trabalho, isto porque a coluna vertebral do homem não está adaptada para ficar muito tempo na mesma posição (Cordeiro, Hemmi, & Ribeiro, 2013). Mesmo que esteja sentado, ainda constitui factor de risco se o manicuro estiver sentado em posição inadequada (Cordeiro, Hemmi, & Ribeiro, 2013). Deste modo, torna-se imprescindível consciencializar os manicuros em matéria de saúde para evitar as possíveis doenças decorrentes do trabalho (Machado *et al.*, 2010).

2.8. Sofrimento e prazer no trabalho

Segundo Barbosa (2011), o trabalho pode ser visto como obrigação ou prazer, fonte de sobrevivência ou uma forma de realização. Para este autor, nos tempos actuais, considera-se trabalho apenas o trabalho assalariado, feito por um sujeito masculino dentro do espaço urbano, concepção desenvolvida no âmbito da industrialização, em que o trabalho atendia os interesses económicos da burguesia e colocava os homens na produção económica e as mulheres na reprodução social (Barbosa, 2011). Esta concepção, segundo o autor, desvaloriza

o trabalho informal e o trabalho exercido pelas mulheres. Sobre isso, Schwartz (2011) considera que apresentar uma definição para o trabalho constitui um enigma e sempre será um problema. Segundo esse autor, o trabalho apresenta sempre uma parte “invisível” que precisa de ser clarificada. Essa forma “invisível” remete a formas de trabalho que são desvalorizadas (Schwartz, 2011).

Existem vários estudos que demonstram que quem trabalha experimenta, por vezes, situações de sofrimento (Moraes, Vasconcelos, & Cunha, 2012). Essas situações são decorrentes das relações de trabalho precárias, perda contínua dos direitos que protegem os trabalhadores, contratos de trabalho precários e pelos fracos laços que os trabalhadores estabelecem com o trabalho (Barros & Barros, 2007).

O sofrimento no trabalho resulta do risco de fracassar (Barros & Barros, 2007). Assim, quem trabalha é forçado mobilizar esforços para reverter o cenário de sofrimento. A mobilização desses esforços faz com que o indivíduo trabalhe mais e transforme o sofrimento em prazer.

Moraes *et al.* (2012) ressaltam que o sofrimento permite que haja criatividade no trabalho. Moraes *et al.* (2012, citando Dejours, 2008) afirmam que a criatividade é derivada da inteligência prática do indivíduo. Assim, a criatividade permite solucionar o que antes era para o indivíduo um problema no trabalho. Quando isso acontece, o indivíduo vivencia o prazer no trabalho, percebendo que ele é hábil e competente.

A possibilidade de solucionar os possíveis problemas que encontra no trabalho resulta da autonomia que se tem para fazer um trabalho. A autonomia é a independência que permite alterar determinada tarefa em função do trabalho real (Moraes *et al.*, 2012). A autonomia permite ter prazer no trabalho. Por outro lado, a falta de autonomia permite o sofrimento.

Ainda sobre esse ponto, Moraes *et al.* (2012) afirmam que a imposição de formas rígidas de trabalho faz com que não haja autonomia no trabalho. Assim sendo, o indivíduo não é criativo porque tem que cumprir com tudo que já está prescrito.

Nos trabalhos formais, por exemplo, não há autonomia, devido à rigidez e sobrecarga do trabalho. Entenda-se trabalho formal como sendo aquele em que existe um “contrato” em que o funcionário deve cumprir com determinadas obrigações. Deste modo, mesmo que se pregue que nessas organizações o trabalho é flexível e há autonomia, na prática os indivíduos vivenciam autoritarismo (Moraes *et al.*, 2012). No trabalho informal verifica-se o contrário, a

autonomia surge de forma espontânea (Moraes *et al.*, 2012). Este facto acontece porque o trabalho é flexível e quem o faz procura formas de contornar os imprevistos que ocorrem durante o trabalho e procura melhores formas de adaptar o trabalho às suas necessidades.

3. METODOLOGIA

3.1. Conceção

Esta pesquisa é qualitativa exploratória pois a mesma tem como foco entender a natureza dos fenómenos sociais e do comportamento humano (Creswell, 2013). A escolha de uma pesquisa de natureza qualitativa deve-se ao facto de, por um lado, ser adequada quando se pretende compreender a vida humana em grupos e, por outro lado, permitir generalizações moderadas a partir de casos particulares (Toledo & Shiaishi, 2009; Nascimento, 2016). Assim, este é um estudo de caso exploratório pois foi necessário ir ao campo para colher informações sobre os manicuros. As pesquisas exploratórias são aquelas que se empregam para o levantamento e são feitas entrevistas às pessoas envolvidas com o problema em estudo (Nascimento, 2016). A informação obtida poderá servir, caso se queira, para traçar linhas de intervenção e acção (Gittelsohn, *et al.*, 2006).

3.2. Local e período de realização da pesquisa

A pesquisa foi realizada com profissionais que trabalham como manicuros nos salões de beleza e alguns manicuros ambulantes (vulgarmente designados *vernizeiros*) nas cidades de Maputo e Matola, no período entre Junho de 2022 e Março de 2023. Também foram entrevistadas pessoas que não são manicuros, do género masculino e feminino, que foram encontrados nos salões de beleza e fora dos salões.

A escolha desses locais deve-se ao facto de se tentar obter diversos pontos de vista, consoante a localização da actividade profissional dos manicuros.

3.3. População e participantes do estudo

Os participantes do estudo são manicuros, do género masculino, com idade compreendida entre os 19 e 28 anos, e residentes nas Cidades de Maputo e Matola. Esses manicuros foram encontrados em Salões de Beleza, mercados e avenidas das Cidades de Maputo e Matola.

Adicionalmente, foram recolhidos dados de outras pessoas que não são manicuros (6 mulheres e 1 homem) para compreender a percepção dos mesmos em relação à desmistificação da profissão de manicuro como profissão estritamente feminina.

No total, foram feitas 22 entrevistas. O tamanho da amostra foi determinado pelo ponto de saturação, isto é, quando os participantes da pesquisa não trazem nenhuma informação importante ou nova para a pesquisa (Gutterman, 2015). A tabela 1, abaixo, apresenta a informação sociodemográfica dos participantes do estudo:

Tabela 1: Informação sociodemográfica dos participantes

Participantes	Género	Idade	Mobilidade de actividade	Tempo de actividade	Nível de escolaridade	Nº de entrevistas na Cidade de Maputo	Nº de entrevistas na Cidade da Matola
Manicuros	Homens	19-25 anos	Ambulante (10) e fixo (5)	1 dia e 5 anos	Primário e Segundo ano do Ensino Superior	8	2
		26-28 anos		3 semanas e 11 anos	Básico Médio	3	2
Não manicuros	Mulher	22-44 anos	Estudantes	Não aplicável	Médio e Segundo ano do Ensino Superior	5	1
	Homens	38 anos	Comerciantes		Superior	1	0
Total						17	5

(Fonte: Elaborado pela autora, 2023)

Em relação ao género, todos os manicuros entrevistados foram do género masculino. A escolha de manicuros apenas do género masculino está relacionada aos objectivos da pesquisa que pretende demonstrar a contribuição dos homens manicuros para a

desmistificação da ideia de que existem profissões estritamente femininas. Os indivíduos entrevistados que não são manicuros são Homens e Mulheres de modo a permitir que se tivesse uma percepção mais ampla de como as pessoas olham para os manicuros.

A variável idade demonstra-nos que a idade dos manicuros entrevistados varia dos 19 aos 28 anos. Assim, pode concluir-se que a maior parte dos manicuros são jovens. Em relação aos indivíduos não manicuros, cuja idade varia dos 22 aos 38 anos, podemos concluir que tanto jovens como adultos procuram pelos serviços dos manicuros.

Quanto à mobilidade de actividade, podemos afirmar que 10 manicuros trabalham de forma fixa (6 manicuros trabalham nos salões de beleza da Cidade de Maputo e 4 trabalham nos salões de beleza da Cidade da Matola) e 5 manicuros trabalham de forma ambulante (percorrem as avenidas da Cidade de Maputo, parando, ocasionalmente, quando são solicitados). Os manicuros que tralham nos salões de beleza também fazem atendimento ao domicílio quando são solicitados. A variável mobilidade permitiu aferir as vivências de 2 grupos com formas de mobilidade de trabalho diferentes e procurar explorar os padrões de semelhança e diferença entre esses grupos. Isso remete-nos a percepção de que o trabalho de manicuros pode ser feito em qualquer lugar, desde que haja alguém interessado em receber os cuidados nas mãos ou pés e disponibilidade por parte do manicuro.

Em relação aos indivíduos que não são manicuros, conclui-se que independentemente da ocupação que tenha, qualquer pessoa procura os serviços prestados pelos manicuros.

Em relação ao tempo de actividade, encontramos manicuros que estavam no seu primeiro dia de trabalho e o mais antigo dos entrevistados faz o trabalho desde 2013, o que nos faz perceber que é possível encontrarmos pessoas que permanecem muito tempo nesse trabalho.

O nível de escolaridade dos entrevistados varia entre a 4ª classe e o 2º ano do Ensino Superior, levando a constatar que as pessoas que trabalham como manicuros têm níveis de escolaridade muito distintos.

3.3.1. Escolha dos participantes

Os participantes da pesquisa foram escolhidos de forma intencional, bola de neve e aleatória. Assim, os manicuros e não manicuros foram escolhidos de forma intencional e bola de neve e os indivíduos que não são manicuros foram escolhidos aleatoriamente.

Os manicuros e não manicuros foram escolhidos de forma intencional porque são o grupo-alvo da pesquisa. Os dados deles também foram recolhidos por *bola de neve* (Creswell, 2013) porque os novos participantes da pesquisa vieram por indicação dos próprios manicuros que, convidaram os seus colegas para fazerem parte do estudo.

3.3.2. Critérios de inclusão e exclusão

3.3.3. Critérios de inclusão

Considerou-se como critério de inclusão de uma pessoa na pesquisa o facto de ser manicuro, do género masculino, com idade compreendida entre 19 e 28 anos, residente nas Cidades de Maputo ou Matola. Para além disso, a pesquisa contou com a participação de outras pessoas que não são manicuros e para a inclusão delas, foi considerado o facto de já terem feito unhas com um manicuro. Essas pessoas, ajudaram a perceber qual é a contribuição dos manicuros para a desmistificação da ideia de existência de profissões tipicamente femininas.

3.3.4. Critérios de exclusão

Foram excluídos da pesquisa os manicuros que não deram consentimento. De igual modo, foram excluídos da pesquisa indivíduos não manicuros que não deram consentimento para a pesquisa e que nunca fizeram as unhas com um manicuro do género masculino.

3.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Na recolha de dados foram feitas 22 entrevistas individuais e cinco (5) observações não participantes, obedecendo as regras de prevenção da Covid-19 (uso de máscara de protecção individual e distanciamento). As entrevistas em profundidade permitiram perceber os significados que cada entrevistado dá ao trabalho dos manicuros e perceber a lógica desses significados. Essas entrevistas foram gravadas e tiveram a duração de até 30 minutos. Elas permitiram, por um lado, ter noção da contribuição que os homens que trabalham como manicuros têm dado para a desmistificação do conceito género e, igualmente, ajudaram a perceber se eles enfrentam ou não algum desafio no desempenho das suas actividades.

Também ajudaram a aferir a percepção das pessoas em relação aos homens que trabalham como manicuros. Cada observação durou duas (2) horas.

Depois da recolha de dados, foi pedido aos manicuros autorização para voltar em outros dias para fazer a observação não participante para explorar o ambiente de trabalho, as reacções dos indivíduos de interesse para o estudo em relação ao trabalho de manicuros e a interacção entre os manicuros e o seu ambiente de trabalho. Foi informado aos manicuros que nesses dias, apenas se iria observar e anotar, sem interferir ou questionar as práticas decorrentes da interacção entre os manicuros e as outras pessoas. Durante as observações não participantes foram tomadas notas seguindo o *guião de observação* que permitiram perceber a interacção entre os manicuros e o seu ambiente de trabalho. As observações foram feitas em três (3) dias na Cidade de Maputo e dois (2) dias na Cidade da Matola.

3.5. Técnicas de análise de dados

Depois de recolhidos os dados nas entrevistas com uso de gravações, foram feitas as transcrições. As transcrições foram feitas diariamente, pela pesquisadora que realizou as entrevistas, e consistiram em passar para o papel, fielmente, toda a informação que estava contida nas gravações. Em seguida, foi feito o exercício de se ouvir as entrevistas enquanto se acompanhava, através da leitura, a informação transcrita. Esse procedimento permitiu corrigir os erros e sanar as lacunas que ocorreram no processo de transcrição.

Depois disso, foi feita a leitura e análise dos dados, tendo em conta cada questão da entrevista. A análise permitiu atribuir temas aos dados, articulados com os objectivos da pesquisa.

A análise permitiu dar significado aos temas e explorar os padrões de semelhança entre os vários participantes da pesquisa. Depois disso, procedeu-se a interpretação dos dados apresentados pelos entrevistados e o cruzamento com o referencial teórico e com o registo da observação.

3.6. Aspectos éticos

Antes de iniciar a recolha de dados, conversei brevemente com os participantes para explicar os objectivos da pesquisa. Em seguida, foram entregues a todos os participantes a folha de consentimento formal para que pudessem assiná-las. Esse procedimento vai de acordo com as recomendações éticas de estudos deste tipo que preconizam que antes de se iniciar a recolha de dados, deve-se prestar atenção aos aspectos éticos (Flick, 2009). Assim, o seguimento dos procedimentos éticos minimiza os danos para aos participantes da pesquisa e evitar prejudicá-los (Flick, 2009).

Ao se analisar os dados foi retirada toda a informação que identificasse os participantes da entrevista, pois a maior parte dos entrevistados informou que não queria ser identificado pelo nome. Deste modo, os participantes da pesquisa foram identificados pela profissão, ano da entrevista e nível de escolaridade.

3.7. Limitações do estudo

Considera-se que o estudo teve algumas limitações pois fizeram parte da pesquisa apenas manicuros das Cidade de Maputo e Matola, não abrangendo os manicuros existentes em vários outros pontos da província de Maputo e do país. Outra limitação encontrada foi o facto de dentre os vários manicuros encontrados que partilharam as suas experiências de trabalho, poucos aceitaram fazer parte da pesquisa. Muitos apenas contaram as suas experiências, mas não consentiram que as informações fossem usadas nos estudos.

Essas limitações não afectaram o estudo porque pelo facto de ter uma abordagem qualitativa exploratória foi possível recolher informação que permitisse analisar o objecto da pesquisa (Toledo & Shiaishi, 2009).

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O presente capítulo destina-se a apresentar os resultados da pesquisa. Para isso, levar-se-á em conta os objectivos da mesma. Assim sendo, no primeiro subcapítulo apresenta-se as motivações que levam um homem a trabalhar como manicuro, seguido dos desafios que os manicuros enfrentaram no trabalho, das estratégias que eles encontram para ultrapassar os desafios e da percepção das pessoas em relação aos homens que trabalham como manicuros.

4.1. Motivações que levam um homem a trabalhar como manicuro

Para perceber quais foram as motivações que levaram os homens a trabalharem como manicuros foi necessário perguntar por que é que eles escolheram trabalhar como manicuros. Deste modo, a pesquisa revelou que a maior parte dos manicuros entrevistados (n=8) escolheu o trabalho de manicuro como forma de obter sustento:

“Hum, para facilitar a minha vida” (Manicuro, 20 anos, 4ª classe).

“Epha! É para conseguir o meu pão de cada dia” (Manicuro, 22 anos, 7ª classe).

Para além das motivações apontadas anteriormente, a pesquisa apontou que a falta de enquadramento no mercado de trabalho formal contribuiu para que alguns homens (n=4) escolhessem o trabalho de manicuros como alternativa. Esta afirmação pode ser verificada no depoimento abaixo:

“Sim...problema, pah! É problema de aqui não há trabalho, por isso eu escolhi esse trabalho de pedicure, é por causa disso” (Manicuro, 19 anos, 6ª classe).

Mais ainda, poucos dos participantes da pesquisa (n=3) revelaram que a motivação que os fez escolher o trabalho foi por puro gosto ou ainda pela curiosidade despertada pelo gosto de ver outros homens a trabalharem como manicuros, como se pode ver no excerto abaixo:

“Gostei de fazer isso, mesmo! Trabalho” (Manicuro, 27 anos, 4ª classe).

“É! Foi Mais, é! Foi mais curiosidade, né? Porque eu viajei para a África do Sul. Ia ficar de férias. Então, quando cheguei lá, meu tio trabalhava com isso, com unhas. Então, a curiosidade de querer aprender, para ver se consigo vir desenvolver aqui em Moçambique. Então, acabei aprendendo lá e vim já começar a trabalhar aqui, em Moçambique” (Manicuro, 22 anos, 2º ano do Ensino Superior).

A pesquisa apontou que a razão que leva a maior parte dos homens (n=13) a gostarem de trabalhar como manicuros é porque o trabalho é a fonte de renda para eles. Assim, foram escolhidos três depoimentos que ilustram as razões apresentadas pelos manicuros:

“Gosto porque consigo o pão de cada dia” (Manicuro, 22 anos, 7ª classe).

“É porque tem muito dinheiro” (Manicuro, 27 anos, 4ª classe).

“Eu gosto mesmo de fazer esse trabalho porque apanha pão aqui, não rouba as coisas de ninguém, sustenta a minha família, faz uns...as coisas muito que faz com esse dinheiro que faz aqui nesse trabalho” (Manicuro, 24 anos, 7ª classe).

Contudo, alguns dos manicuros entrevistados (n=2) informaram que gostam do trabalho que fazem porque trabalham para eles mesmos:

“Está a trabalhar minhas coisas. Fazer “colar, fazer desenhos, pintar “gelish” (Manicuro, 20 anos, 4ª classe).

“Vendia sumo, depois deixou. Levei o meu dinheiro para comprar verniz. O “boss” da venda do sumo não pagava. Com o trabalho de manicuro, passei a ser o meu próprio “boss” (Manicuro, 22 anos, 6ª classe)

A observação feita ao trabalho dos manicuros também revelou que alguns manicuros foram motivados pela vontade de obter sustento, razão pela qual, em conversa com as clientes, os manicuros reclamavam que não podiam reduzir os preços que cobravam por alguns serviços. Para além disso, pode corroborar-se o depoimento de alguns manicuros que apontaram que escolheram o trabalho pelo gosto com a constatação de que os manicuros realizam os seus trabalhos de forma animada e descontraída, conversando muito bem entre eles e com suas/seus clientes.

4.2. Desafios enfrentados ao realizar o trabalho de manicuro

Quando perguntados sobre os desafios que enfrentaram ao realizar o trabalho, a maior parte dos manicuros (n=12) revelou que o desafio esteve ligado à própria natureza do trabalho, conforme pode ser percebido nos seguintes excertos:

“Tipo...é desenho. Tipo desenho, colar unhas, pintar...” (Manicuro, 27 anos, 7ª classe)

“É fazer desenho. Quando eu colava, as unhas saiam facilmente” (Manicuro, 28 anos, 10ª classe)

“É fazer desenho. Quando eu colava as unhas saiam com facilidade” (Manicuro, 20 anos, 4ª classe)

Para além disso, um dos manicuros revelou que o desafio esteve relacionado com o preconceito que sentiu ao iniciar o trabalho:

“As dificuldades, mesmo, foi mais essa parte de preconceito. Saber como lidar com o que as pessoas achavam que eu era...” (Manicuro, 22 anos, 2º ano do Ensino Superior)

Questionado sobre o que é que as pessoas achavam que ele era, o participante do estudo revelou:

“As pessoas achavam que eu era gay porque esse trabalho é trabalho feminino. Então, o facto de eu fazer esse trabalho, as pessoas já tinham uma interpretação...de que estão a ver uma...” (Manicuro, 22 anos, 2º ano do Ensino Superior)

Embora tenham sido relatados desafios enfrentados por alguns manicuros, a pesquisa revelou que há manicuros (n=2) que consideram que não encontraram nenhum desafio ou dificuldade no exercício das suas actividades. Isso ficou expresso nas afirmações abaixo:

“Não encontrou nenhuma dificuldade” (Manicuro, 22 anos, 6ª classe)

“As dificuldades? Sim...epha! Não tive dificuldades” (Manicuro, 22 anos, 7ª classe).

A observação também permitiu constatar a dificuldade na utilização de alguns instrumentos de trabalho por parte dos manicuros. Essa dificuldade não está só relacionada com o desconhecimento da utilização do instrumento em si, mas sim porque alguns dos manicuros não sabiam como usar os instrumentos de trabalho como alicates, pincéis e limas e usavam instrumentos danificados, o que dificultava o manuseamento de forma adequada e constituía um perigo tanto para o manicuro como para suas/seus clientes.

De igual modo, a observação também permitiu verificar que a dificuldade que os manicuros têm na utilização de alguns instrumentos de trabalho se deve ao facto de os mesmos não trazerem especificações sobre como utilizá-los e às vezes as mesmas aparecem nas línguas inglesas ou chinesas, línguas essas que os mesmos não dominam. Mais ainda, da observação constatou-se que alguns manicuros enfrentavam desafios na aquisição de instrumentos de trabalho e, constantemente, pediam materiais de trabalho (como corta-unhas, etc.) aos outros colegas. O facto de o material de trabalho ser partilhado entre eles, permite-lhes ter o local de trabalho organizado, para evitar que o material se perca e para ser mais atractivo para a clientela, o material é colocado em tigelas e quem o usa deve devolvê-lo assim que terminar para evitar que o material se perca ou que o próximo utilizador não o encontre. Contudo, não

são respeitadas as regras de higiene pois o material usado não é esterilizado ao passar de um cliente para o outro ou ao ser guardado.

4.3. Estratégias que os manicuros adoptam para ultrapassar as dificuldades enfrentadas

A pesquisa revelou que uma das estratégias apontadas pelos manicuros para ultrapassar os desafios enfrentados no seu trabalho foi aprender, com os manicuros mais experientes, a fazer certos procedimentos, conforme ilustra o seguinte excerto:

“Tem que aprender bem pegar lima e colar unha. Está complicado pintar verniz preto, branco e beterraba custa” (Manicuro, 19 anos, 12ª classe).

A estratégia utilizada pelos manicuros para ultrapassar o preconceito no trabalho foi concentração no trabalho e demonstração de uma postura e comportamentos estereotipados como masculinos, conforme se pode ilustrar no excerto apresentado a seguir:

“É ser mais profissional e mostrar minha postura sempre de homem” (Manicuro, 22 anos, 20 ano do Ensino Superior).

A observação permitiu também perceber que os manicuros iniciantes pedem ajuda aos manicuros mais experientes, quando encontram alguma dificuldade no trabalho relacionada com o uso dos instrumentos de trabalho e dificuldades ao pintar o verniz:

“Tipo...me ensinou. Mano Nelson...” (Manicuro, 27 anos, 4ª classe).

Esse depoimento demonstra que o manicuro entrevistado procurou outro manicuro que o ensinou a usar os instrumentos e reduzir as dificuldades que ele tinha.

4.4. Percepção das pessoas em relação aos homens manicuros e o contributo dos mesmos para a desmistificação da ideia da existência de profissões consideradas tipicamente femininas em Moçambique

Em relação à percepção das pessoas em relação aos manicuros, o estudo apontou que algumas das pessoas entrevistadas (n=4) ficaram admiradas ao ver um homem a trabalhar como manicuro, conforme se ilustra no excerto abaixo:

“Eu fiquei admirada, né?! Porque na maioria das vezes quem cuida disso são as mulheres” (Cliente do género feminino, 23 anos, 3o ano do nível médio).

A pesquisa também apontou que parte dos participantes (n=1) tinha a percepção de que os homens que trabalham como manicuros fossem homossexuais, conforme se pode depreender da seguinte afirmação:

“Eu pensei que fosse homo...como é que é? Gay é homossexual... porque ele era um moço muito limpo e vaidoso. De repente colocou uma banquinha ali no mercado. Não foi fácil, mas conseguiu nos conquistar” (Cliente do género feminino, 39 anos, 3o ano do nível médio).

Contudo, a pesquisa também revelou que algumas pessoas (n=2) consideraram como normal o facto de um homem trabalhar como manicuro, como podemos confirmar na seguinte afirmação:

“Achei normal” (Cliente do género masculino, 38 anos, 2023).

“Eu achei aquilo normal. Para mim não houve nenhum problema. Não tive receio de nada” (Cliente do género feminino, 44 anos, 2o ano do Ensino Superior).

De igual modo, algumas pessoas entrevistadas (n=3) consideraram que as pessoas já não olham com estranheza o facto de homens trabalharem como manicuros, pois o número de pessoas do género masculino exercendo esta actividade vem aumentando pelas ruas da cidade de Maputo, conforme se pode ilustrar nos excertos abaixo:

“Aí, meu Deus! Não sei. Não, não...não saberia dizer porque eu não olho os homens com uma outra cara. Do mesmo jeito que eu olho as mulheres sendo manicures, é do mesmo jeito que eu olho os homens. Para mim não tem muita diferença” (Cliente do género feminino, 22 anos, 2o ano do nível médio)

Outra questão abordada na pesquisa que permitiu aferir a percepção das pessoas que não são manicuros sobre o trabalho dos homens manicuros, foi a opinião em relação ao facto de homens trabalharem como manicuros. As pessoas entrevistadas (n=4) informaram que os manicuros eram muito atenciosos e/ou cuidadosos. Essas afirmações podem ser confirmadas nas respostas abaixo:

“Eu acho muito bom porque os homens...não que as mulheres não sejam cuidadosas, mas comparando o trabalho que os homens e as mulheres fazem, os homens são mais cuidadosos. Não que as mulheres não façam um bom trabalho” (Cliente do género feminino, 23 anos, 3o ano do nível médio).

“Eu até prefiro mais os homens do que as mulheres. Os homens são melhores do que as mulheres. Por exemplo, o homem que trata das minhas unhas, trata bem as mulheres. parece que a maioria são homens. Em qualquer canto, em qualquer esquina, a maioria são homens. Mulheres tem, mas é raro encontrar” (Cliente do género feminino, 44 anos, 2o ano do Ensino Superior).

A pesquisa também incidu sobre como os indivíduos que não são manicuros avaliam o facto de um homem trabalhar como manicuro. Constatou-se que a maior parte dos participantes (n=4) considera que é importante que os homens trabalhem como manicuros.

“É. É importante, sim”, Cliente do género feminino, 39 anos, 12ª classe).

A importância dada ao trabalho dos manicuros está relacionada ao facto de as pessoas entrevistadas perceberem que o trabalho garante o sustento dos manicuros. Isso é evidenciado no depoimento de um dos entrevistados que afirmou o seguinte:

“Acho, sim. Porque é uma maneira que ajuda eles financeiramente. É um meio-termo. É um trabalho que eles arranjam para ter o pão de cada dia” (Cliente do género feminino, 23 anos, 3º ano do nível médio).

A pesquisa revelou ainda que um dos entrevistados, em relação à importância do trabalho dos manicuros, considera que o trabalho é interessante:

“Não diria importante, mas acho interessante. A forma como eles cuidam é muito diferente da forma como as mulheres cuidam” (Cliente do género feminino, 19 anos, nível médio).

A pesquisa também apontou que quando questionados se gostam ou não de terem as unhas cuidadas por um homem, todos os participantes revelaram que gostavam.

“Sim, talvez seja pelo que eu disse primeiro: eles são mais prestativos do que as mulheres” (Cliente do género feminino, 19 anos, nível médio).

“É mais carinhoso. Gosto. Eu por acaso nunca mais troquei. Sempre que for a precisar de unhas especiais, prefiro ir ter com ele. Porque ele faz o trabalho dele com gosto. Ele é carinhoso. Você vê que ele está a fazer, não pelo dinheiro, mas pelo amor à arte. Conseguir entender naquele jovem que ele ama o trabalho. Não é pelo dinheiro que ele está a fazer o que ele está a fazer. O dinheiro vem acrescentar, quero acreditar, mas ele ama o trabalho dele” (Cliente do género feminino, 39 anos, 3º ano do nível médio).

A pesquisa apontou que os participantes não manicuros consideram que os homens que trabalham como manicuros contribuem para a desmistificação da ideia de que existem profissões tipicamente femininas, conforme ilustramos nos excertos abaixo:

“Estamos a considerar isso normal, sim. Estamos a considerar isso normal, sendo que antigamente era muito estranho encontrar um homem a fazer unhas, sei lá o quê. Mas se prestares atenção, hoje em dia tem mais homens a fazerem as unhas que as mulheres” (Cliente do género feminino, 22 anos, 2º ano do nível médio)

Durante a observação também foi possível constatar que as pessoas gostam de fazer as unhas com homens. A observação permitiu ver que muitas mulheres e alguns homens têm procurado o serviço dos manicuros de forma recorrente fazendo com que, algumas vezes, os

salões fiquem muito cheios. Outro facto constatado é que as pessoas se dirigem e interagem com eles de forma amigável e os tratam com respeito. A boa relação entre os manicuros e os clientes pode ser percebido na resposta de uma das clientes entrevistadas:

“É mais carinhoso, gosto! Eu por acaso nunca mais troquei. Sempre que fôr a precisar de unhas especiais, prefiro ir ter com ele” (Cliente do género feminino, 23 anos, 3º ano do nível médio)

Tabela 2: Síntese dos resultados apresentados

Resultados do estudo	
Motivações que levam um homem a trabalhar como manicuro	<ul style="list-style-type: none"> • Obter sustento (n=8) • Falta de enquadramento no mercado de trabalho formal (n=4) • Gosto (n=3)
Desafios encontrados pelos manicuros	<ul style="list-style-type: none"> • Desafios ligados à natureza do trabalho (n=12) • Preconceito (n=1) • Nenhum desafio (n=2)
Estratégias que os manicuros adoptam para ultrapassar os desafios encontrados	<ul style="list-style-type: none"> • Aprendizagem com manicuros mais experientes (n=12) • Concentração no trabalho e demonstração de uma postura e comportamento estereotipado como masculino (n=1)
Percepção das pessoas em relação ao trabalho dos manicuros	<ul style="list-style-type: none"> • Admiração (n=4) • Pensamento/ideia de que os manicuros fossem homossexuais (n=1) • Algo normal um homem trabalhar como manicuro (n=2)

(Fonte: Elaborado pela autora, 2023)

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. Motivações que levam um homem a trabalhar como manicuro

Os resultados da pesquisa revelam que a maior parte dos manicuros escolheu a profissão como forma de obter sustento. Os resultados também revelaram que há manicuros que foram motivados a escolher o trabalho devido à falta de enquadramento no mercado formal, ou por curiosidade, ou gosto pela profissão.

A escolha da profissão de manicuro como forma de obter sustento deve-se ao facto de a profissão permitir o acesso rápido ao mercado de trabalho. A não exigência de qualificações específicas, apontada no estudo de Oliveira (2014) como uma das características do trabalho de manicuro, dá a possibilidade de quem quiser trabalhar como manicuro, iniciar o trabalho sem precisar de ter que ingressar num curso de formação, bastando apenas aprender a fazer o trabalho por si só, ou com colegas, e comprar o material que será usado para fazer as unhas.

A motivação pela falta de enquadramento no mercado de trabalho formal é explicada pela Teoria de Circunscrição e de Compromisso na Escolha Vocacional de Linda Gottfredson (Neto, Sastre, & Muller, 2001) que demonstra que os indivíduos também são levados a escolher um trabalho, através do critério de acessibilidade, quando em determinada altura da vida, eles percebem que há poucas opções viáveis de trabalho. Deste modo, o perfil sócio-demográfico dos manicuros, apresentado pela variável idade (19-28 anos), ilustra que os manicuros avaliaram as opções que eles tinham disponíveis e procuram enquadrar-se no trabalho que eles perceberam que lhes poderia ajudar a ter algum sustento. Assim, o trabalho de manicuros foi a opção mais viável para esses manicuros.

Algumas profissões despertam o gosto e a admiração dos indivíduos condicionando a escolha profissional deles. Tal afirmação corrobora a motivação de alguns manicuros entrevistados que escolheram a profissão motivados pelo gosto e pela curiosidade. Este facto é apontado no estudo de (Rabelo, 2010) que aponta que a escolha profissional é determinada por factores “intrínsecos” à profissão.

O facto de um dos manicuros ter visto um familiar a trabalhar na profissão, também associado ao gosto pela profissão, ficou patente na resposta de um dos entrevistados que afirmou que para além de gostar, escolheu a profissão porque viu o tio que trabalhava “*com*

unhas” na África do Sul. Essa identificação é explicada no estudo de Teixeira, Rocha, & Menegotto (2006) que aponta que a identificação no seio familiar também condiciona a escolha profissional dos indivíduos.

Assim, as motivações apontadas pelos manicuros na presente pesquisa contrariam a Teoria apresentada por Gottfredson (1981) que afirma que o critério biológico ou sexo é o mais importante para determinar a escolha profissional de um indivíduo.

5.2. Desafios enfrentados ao trabalharem como manicuros

O facto de os fabricantes de utensílios usados no trabalho dos manicuros não colocarem especificações técnicas pode constituir uma das razões para que alguns manicuros tenham enfrentado desafios relacionados à própria natureza da actividade quando começaram a trabalhar. Aliado a isso, o facto de não se exigir qualificações mínimas para o trabalho de manicuros, no caso de Moçambique, também pode ter constituído outra das razões de dificuldade no início do trabalho (Oliveira, 2014). Provavelmente, com a exigência de qualificações mínimas para se fazer o trabalho de manicuros, esses indivíduos não teriam tido muitas das dificuldades que tiveram no início da actividade.

A observação permitiu perceber que os manicuros ao usarem os seus instrumentos, não respeitam as normas de biossegurança no trabalho, colocando em risco a saúde deles e dos clientes. Deste modo, a pesquisa permite contrariar Santos, Ribeiro, & Prudêncio (2020) que afirmam que exigir uma qualificação para se ter acesso ao mercado de trabalho é uma opressão, pois durante o processo de observação foi possível constatar que se os manicuros tivessem passado por uma formação para obterem qualificações mínimas, provavelmente também seriam capacitados em relação ao uso de equipamento de segurança no trabalho e não ficariam expostos à possíveis doenças infecciosas, como o VIH, hepatite e sífilis, devido ao uso de objectos cortantes e perfurantes não esterilizados (Eufrásio, Santos, & Novotny, 2011). Reforça-se que da observação percebemos que os manicuros encontrados no Mercado Janete partilhavam os instrumentos entre si, alguns porque não tinham e outros porque haviam perdido o seu material. Os instrumentos de trabalho partilhados eram cortantes e perfurantes e não passavam por um processo de esterilização.

Santos, Ribeiro, & Prudêncio (2020) apontam que os manicuros entram em contacto com microorganismos como vírus, bactérias e fungos. Assim, a pesquisa permitiu também constatar que com a exigência de uma qualificação mínima, os manicuros saberiam que entram em contacto com microorganismos ao trabalharem com as mãos e pés dos seus clientes e arranjariam formas de evitar contacto directo com esses microorganismos, através do uso de luvas, por exemplo, ou lavariam e/ou esterilizariam as mãos, pois, segundo alguns estudos, essas são as principais medidas de higiene e segurança. Na prática, o que se observou foi que os manicuros não lavam as mãos nem as esterilizam ao passarem de um cliente para o outro, facto que pode propiciar também a transmissão de várias doenças como a Covid-19.

Ainda em relação aos riscos que os manicuros correm, foi possível perceber que podem contrair doenças químicas, devido aos produtos que usam. Produtos esses que, segundo Oliveira (2014), não apresentam especificações técnicas. Daí, podemos afirmar que sem essas especificações técnicas, não saberão a que perigos estão expostos ao manusearem os produtos e não poderão proteger-se do cheiro do formol, acetona ou outro componente químico que é usado no trabalho. Em relação a esse ponto, foi possível perceber que os manicuros não usam máscara de protecção individual na sua actividade, facto que contribui para aumentar o risco de inalarem um produto químico.

Estudos apontam que os manicuros ficam com a coluna vertebral danificada por ficarem muito tempo na mesma posição (Cordeiro, Hemmi, & Ribeiro, 2013). A pesquisa permitiu constatar que os manicuros entrevistados ficam muito tempo na mesma posição, devido ao trabalho que fazem. Contudo, como havia sido afirmado antes, eles desconhecem que essa prática coloca em risco a saúde deles. Deste modo, volta-se aqui a reiterar que os riscos à saúde (físicos, químicos e biológicos) a que os manicuros estão expostos seriam colmatados com a exigência de qualificações mínimas para se trabalhar como manicuro e o desenvolvimento da consciência sobre o uso de equipamentos e posturas adequados que minimizariam os riscos à saúde.

O preconceito foi outro desafio constatado, no início do trabalho de alguns manicuros. Um dos manicuros relatou que as primeiras pessoas com as quais ele teve contacto, trabalhando como manicuro, faziam suposições a sua orientação sexual. O facto de as pessoas tirarem conclusões em relação à orientação sexual dos homens que fazem trabalhos femininos foi apontado no estudo de (Oliveira & Ventura, 2018). Esses autores afirmaram que os homens

em profissões consideradas femininas costumam ter a masculinidade hegemónica posta em causa. Tal facto acontece, provavelmente, porque algumas pessoas ainda não têm consciência que qualquer pessoa pode fazer o trabalho que quiser, independentemente do género que a pessoa tenha.

O preconceito que alguns manicuros sofreram surge devido aos estereótipos que são associados à masculinidade, na medida que se considera que os homens devem demonstrar a sua masculinidade no trabalho (Teixeira, Rocha, & Menegotto, 2006). Assim, alguns dos entrevistados consideram que o facto de um homem trabalhar como manicuro não muda a percepção das pessoas de que esse é um trabalho estritamente feminino.

A pesquisa permitiu perceber que alguns manicuros têm consciência de que ultimamente muitos homens estão a trabalhar como manicuros. O facto de os homens começarem a optar por profissões consideradas tipicamente femininas é apontado no estudo de Daniel (2011) que mostra que ultimamente, devido à grande competição entre os géneros, as oportunidades de emprego para as mulheres e para os homens têm diminuído nos sectores de trabalho considerados tradicionalmente masculinos e as portas têm-se aberto para os homens nos sectores de trabalho considerados femininos.

A observação revelou que, apesar dos desafios que os manicuros enfrentam, o ambiente de trabalho deles é bom. Durante os dias em que foi feita a observação e nos dias em que foram feitas as entrevistas percebeu-se que havia harmonia no local, isto é, não havia desentendimentos considerados relevantes entre os manicuros e entre eles e os clientes que atendiam. Outro aspecto importante que serviu para que se considerasse o ambiente de trabalho bom nos salões visitados (dois da Cidade da Matola e quatro da Cidade de Maputo), foi a organização do local de trabalho. Esses dois factores apontados permitem considerar ambiente de trabalho como sendo bom, pois combina diferentes factores, de forma independente, que influenciam directa e indirectamente na qualidade de vida do trabalhador e nos seus resultados de trabalho (Fielder, Guimarães, Alves, & Wanderley, 2010).

Segundo Fiedler *et al.* (2010, citando Iida, 2005), o excesso de calor, ruídos e vibrações contribui para tornar o ambiente de trabalho desfavorável. Contudo, os manicuros entrevistados trabalham em locais ventilados (há ar condicionado num salão visitado na Cidade da Matola e em outro salão visitado na Cidade de Maputo existe uma ventoinha). A ventilação permite, muitas vezes, garantir o conforto de clientela. O local de trabalho dos

manicuros costuma estar bem iluminado. A iluminação adequada é muito importante para o trabalho que fazem porque eles devem apresentar a performance deles nas unhas que são muito pequenas e por lidarem com objectos cortantes e perfurantes.

Muitas das vezes verificam-se ruídos no local de trabalho dos manicuros. Contudo, pode-se afirmar que os ruídos não interferem na qualidade de vida dos manicuros e nos resultados dos trabalhos deles, pois provém da mistura de vozes em conversas animadas de salões e pelas músicas que os manicuros põem a tocar, em pequenas colunas, como forma de alegrar o local de trabalho.

5.3. Estratégias que os manicuros adoptam para ultrapassar as dificuldades enfrentadas

Para colmatar os desafios encontrados no início do trabalho, os manicuros que tiveram dificuldades com o uso do material tiveram que aprender com colegas mais experientes. Segundo Gallon, Magalhães, Viana, & Antonello (2016), o trabalho de manicuros é baseado em práticas, aprende-se fazendo e na repetição é aprimorado. Outra característica do trabalho dos manicuros apontada por Santos, Ribeiro, & Prudêncio (2020) é que o trabalho se aprende no convívio com colegas e outras pessoas. Daí o facto de alguns manicuros afirmarem que aprenderam com outros manicuros, o que nos leva a concluir que os manicuros não aprenderam o trabalho que fazem num curso de formação profissionalizante, embora existam cursos de formação na área de manicure que são dados em alguns salões de beleza, na Cidade de Maputo. Os manicuros aprenderam com colegas e foram consolidando o que aprenderam através da repetição.

O estudo também revelou que houve um manicuro que ultrapassou o desafio (preconceito) devido à assumpções da sua orientação sexual através do foco no trabalho e adopção de uma postura estereotipada como masculina. Este facto leva-nos a concluir que o foco e a concentração no trabalho podem ser vistos como ferramentas que permitem alcançar determinados objectivos e são fortes estímulos para evitar que se desanime, caso o preconceito ponha em causa a estabilidade do trabalho. Em seu estudo Teixeira, Rocha, & Menegotto (2006) também ressaltaram que alguns homens para contornarem o preconceito que sofrem no trabalho, principalmente quando estão em profissões femininas, mostram-se mais competentes, trabalhadores e independentes. Este posicionamento também é secundado

por Simões & Zucco (2010) que afirmam que os homens em profissões femininas agem com naturalidade.

Alguns manicuros revelarem que não tiveram dificuldade nenhuma com o trabalho pode estar associado ao facto de o trabalho dos manicuros ser um trabalho autónomo. Segundo Moraes, Vasconcelos & Cunha (2012), a autonomia permite o indivíduo ser criativo e solucionar os possíveis problemas que apareçam no trabalho. O trabalho informal que os manicuros fazem tem a particularidade de também ser flexível, possibilitando que alterem a agenda em função das necessidades que surgem no decorrer do trabalho. Eles não têm uma carga horária laboral e de descanso definida. Muita das vezes, o trabalho dos manicuros começa depois das 9h, exceptuando os casos em que tenham trabalhos marcados com clientes para antes das 9h, e estende-se até por volta das 18h ou 19h. A ausência de uma carga horária definida e de um “patrão” fazem com que seja possível interromper o trabalho ao longo do dia para deslocarem-se a outros pontos da cidade para tratarem de assuntos do interesse pessoal.

Outro facto constatado, aliado à flexibilidade do trabalho dos manicuros, é a existência de uma rede de apoio entre eles. Assim, o manicuro não deixa os clientes à espera de serem atendidos. Quando estão ocupados, eles passam os seus clientes para outros colegas, caso o cliente concorde em ser atendido por outro manicuro que não era a sua preferência inicial.

As redes de apoio social permitem aumentar a competência do indivíduo, reforçando a sua auto-imagem e auto-eficiência para alcançar determinado objectivo (Siqueira, Betts, & Dell'Aglio, 2006). Assim sendo, os manicuros conseguem alcançar os seus objectivos de trabalho diários e deixarem todos os clientes satisfeitos com o facto de terem sido atendidos, ao passarem os seus clientes para os seus colegas.

A pesquisa permitiu perceber que todos os manicuros, tanto os que trabalham de forma fixa, como os que trabalham de forma ambulante gostam do trabalho que fazem. O gosto pelo trabalho está associado a autonomia que se verifica no trabalho dos manicuros. Um dos manicuros revelou que era o patrão dele mesmo, o que nos leva a concluir que os manicuros têm a percepção que trabalhando para eles mesmos, eles têm uma certa autonomia, não dependem de um patrão para conseguirem dinheiro.

Ao fazermos uma intersecção entre o tempo de actividade e o gosto pelo trabalho, percebemos que todos os manicuros, mesmo os que acabavam de iniciar neste trabalho, gostam da profissão. Não há informação suficiente para afirmar se o gosto por esse trabalho é

adquirido com o passar do tempo, mas parece fazer parte da decisão de fazer parte da actividade.

Os manicuros informaram que gostam do trabalho que fazem porque o trabalho é fonte de renda para eles. Tal facto, permite-nos perceber que os manicuros têm consciência da importância do trabalho na vida deles. Os trabalhos considerados significativos permitem a realização, o desenvolvimento humano e a satisfação no trabalho (Silva & Tolfo, 2010). Daí aparece o lado positivo do trabalho que permite a realização pessoal, o sentido de estar a fazer alguma coisa útil para o seu proveito e para o proveito das pessoas que estão sobre a sua responsabilidade.

Oliveira & Ventura (2014) também apontam que o trabalho permite criar relações sociais, facto constatado na rede de apoio que os manicuros têm, e permite a transmissão de valores, pois estimula as pessoas a lutarem por melhores condições de vida.

5.4. Percepção das pessoas em relação aos homens manicuros e o contributo dos mesmos para a desmistificação da ideia da existência de profissões tipicamente femininas

Os indivíduos que não são manicuros, que foram entrevistados, demonstraram que a primeira impressão que tiveram ao ver um homem a trabalhar como manicuro foi de estranheza e admiração. Isso aconteceu porque as pessoas perceberem o trabalho de manicuros como trabalho associado às mulheres. Essa associação que se faz ao trabalho de manicuro como sendo um trabalho feminino é explicada por uma das entrevistadas que afirmou que a admiração vem do facto na maioria das vezes verem mulheres a trabalharem como manicuros, facto que leva à uma estranheza e admiração quando se vê um homem a trabalhar.

Lima (2017) já havia afirmado que a sociedade atribui traços masculinos e femininos aos homens e às mulheres. Assim sendo, pode-se concluir que o facto de uma parte das pessoas entrevistadas ter ficado admirada ao ver um homem a trabalhar como manicuro é devido ao facto de, como foi afirmado por Lima (2017), numa relação binária de atribuir-se às mulheres características que favorecem o ensino, o cuidado, a sensibilidade, a meiguice e as actividades domésticas, enquanto aos homens caberia o contrário.

Outro aspecto constatado na pesquisa foi que para além da admiração, associaram o facto de um homem trabalhar como manicuro à sua orientação sexual é devido ao que foi considerado por Connel (1987) como discriminação no “domínio da heterossexualidade” (Santos & Amâncio, 2014). Nesses casos, os indivíduos que fazem trabalhos considerados “femininos” são percebidos como homossexuais.

A pesquisa também permitiu perceber que a admiração de ver um homem a trabalhar como manicuro não vem apenas pelo facto de ser uma profissão considerada feminina, mas também pelo facto de alguns manicuros se apresentarem “limpos” e “vaidosos”. Esse facto é explicado por Lima (2017) que aponta que na educação da infância, os meninos são ensinados a serem durões e a sujarem-se. Aqui, pode constatar-se que o preconceito pelo qual os manicuros passaram aparece de duas formas: por um lado, é exteriorizado e os manicuros sentem o preconceito, e por outro lado, o preconceito reflecte apenas a percepção que algumas pessoas tiveram ao verem, pela primeira vez, um homem a trabalhar como manicuros. Essa segunda forma de pensamento é subtil, nem sempre é manifestada ou exteriorizada e os manicuros não percebem esse preconceito.

Os indivíduos que consideraram normal um homem trabalhar como manicuro fizeram-no porque os homens quando estão em profissões femininas costumam ser bem recebidos, isto é, raramente sofrem preconceitos por parte das mulheres. Facto que é corroborado por Simões & Zucco (2010) que afirmam que essas profissões continuam sendo um mundo de homens com uma maioria feminina, ao contrário do que acontece com as mulheres em profissões consideradas tipicamente femininas, que sofrem devido a curiosidade, crítica, zombaria e assédio sexual, conforme relata (Furtado, 2013).

As pessoas entrevistadas usuárias do serviço de manicuros foram unânimes na avaliação positiva do facto de os homens trabalharem como manicuros. Desse relato podemos concluir que algumas pessoas têm consciência de que os homens podem fazer trabalhos ligados aos cuidados, ressaltando aqui o que já havia mencionado anteriormente, que os homens quando estão em profissões femininas costumam ser bem recebidos, o que nos permite concluir que as pessoas aceitam bem o facto de um homem trabalhar como manicuro.

Outro facto constatado durante a análise das entrevistas é a preferência de algumas pessoas usuárias dos serviços pelos manicuros homens. Alguns entrevistados compararam o trabalho

feito pelos manicuros homens e manicuros mulheres, chegando a considerar que os homens fazem melhor trabalho. Esses entrevistados baseiam a preferência deles no cuidado que é demonstrado pelos manicuros ao fazer as unhas.

O gosto de terem as unhas feitas por um homem também expressa a preferência que se tem pelos cuidados de um homem. A forma de cuidar, que havia sido considerada diferente da forma como as mulheres cuidam das unhas, e que desperta o fascínio de alguns entrevistados, está relacionada, ao carinho que os manicuros demonstram ao fazerem as unhas de clientes. Assim, para clientes, fica a percepção de que o trabalho não é apenas feito para ter-se dinheiro, mas o trabalho também é feito por amor.

O cuidado serve de elo de aproximação e demonstração de afecto, fazendo com que haja satisfação por parte de quem o recebe. O facto de alguns entrevistados terem preferência por manicuros homens é contrária à afirmação de Furtado (2013) de que existe a crença de que as mulheres, devido ao instinto maternal, têm talento para os trabalhos ligados aos cuidados. As entrevistadas mostraram que essa crença não é partilhada por todos, razão pela qual as pessoas entrevistadas demonstraram preferência pelos cuidados de um homem.

As pessoas entrevistadas afirmaram que consideram importante um homem trabalhar como manicuro pois o trabalho os permite ter o “*pão de cada dia*”. Assim, o trabalho é uma fonte de realização pessoal que permite que através dele as pessoas consigam obter rendimentos para garantirem o seu sustento (Furtado, 2013). Esse sustento irá permitir alcançar vários objectivos que o indivíduo se propõe na vida e permitirá que se sinta realizado.

Todos as pessoas entrevistadas afirmaram que gostam de ter as unhas feitas por um homem. As razões que levam os indivíduos a gostarem de terem as unhas feitas por um homem podem resumir-se em duas: pelo facto de os manicuros serem “*mais prestativos*” e por serem “*carinhoso(s)*”. Ao considerarem os homens mais prestativos, fazem uma comparação entre o trabalho dos homens e das mulheres. A razão dessa comparação já foi aqui explicada. Assim, Cliente do género feminino (Cidade de Maputo, 2023) considera os manicuros carinhosos, o que ressalta a ideia de que não existem trabalhos masculinos ou femininos e responde a questão central do estudo, ficando patente que os manicuros têm contribuído para a desmistificação da ideia de que existem profissões estritamente femininas.

Em relação à interacção entre os manicuros com outras pessoas podemos concluir que é boa. As pessoas que foram encontradas nos salões demonstraram respeito pelos manicuros e pelo trabalho que eles fazem. Essa consideração é feita tendo em conta a forma como as pessoas se dirigiam a eles. O respeito deve fazer parte das nossas relações interpessoais. Ele serve para avaliar a forma como interagimos com outras pessoas, visto que as pessoas possuem opiniões diferentes sobre determinados assuntos. O respeito está associado a individualidade de cada indivíduo e ao direito de expressar as diferenças de forma livre. O conceito de respeito é muito amplo, razão pela qual nesta pesquisa entendemos o respeito como sentimento de consideração entre pessoas que vem das nossas reflexões pessoais (Aquino, 1999).

Para a nossa análise, em relação ao respeito, interessa frisar que durante a observação constatamos que as pessoas dão ouvidos às opiniões dos manicuros sobre determinadas opções de verniz ou tipo de unhas que devem aplicar, o que é corroborado por Barbosa & Silva (2007), que entendem o respeito como ouvir o que o outro tem para dizer e interpretar o que ouvimos. Deste modo, os conselhos que os manicuros dão aos seus clientes costumam ser avaliados pelos mesmos que conjugam as opções dadas com os seus gostos pessoais.

Podemos referenciar que há vezes em que os clientes não têm preferência nenhuma e deixam os manicuros escolherem o que procedimento que deve ser feito nas unhas ou sugerir a cor do verniz. Este facto demonstra o respeito pela autonomia do manicuro que é percebido pela forma de tratar as pessoas de forma a permitir que elas possam agir de forma autónoma (Barbosa & Silva, 2007).

Outro ponto constatado é que quando os manicuros cometem alguma falha, as pessoas colocam as suas reclamações de forma educada, sem gritar ou agredir verbalmente os manicuros, demonstrando, mais uma vez o respeito que nutrem pelos profissionais.

A amizade entre os clientes e os manicuros é um facto que também foi constatado durante a observação, em que foi possível perceber que uma das pessoas atendidas pelo manicuro encontrado num salão na Cidade da Matola, apresentava o desfecho de uma situação que havia ocorrido na vida dela há algum tempo. Pelo relato, percebeu-se que a conversa iniciou na ocasião anterior em que a cliente passou pelo salão. As conversas amenas entre os manicuros e clientes foram classificadas como um “relacionamento interpessoal cultivado”

(Moura, Lopes, & Pereira, 2015). Nesse tipo de relacionamento, o vendedor percebe que é importante criar laços sem descuidar do negócio. No relacionamento entre vendedores e clientes são desenvolvidas visões comuns sobre determinados assuntos e os valores que eles compartilham tornam-se maiores quanto mais assuntos e visões eles compartilharem (Moura, Lopes, & Pereira, 2015).

Muitos manicuros fidelizam a clientela pelo facto de que essa gosta dos cuidados que recebe. Esse facto acontece porque eles passam por uma experiência positiva durante a primeira fase do relacionamento cliente-vendedor (Moura, Lopes, & Pereira, 2015). Neste caso, os clientes gostam dos serviços que foram prestados, da interação que têm com os manicuros e do ambiente que encontram.

Os manicuros esmeram-se na qualidade de atendimento. São muito atenciosos e tratam seus clientes muito bem. A qualidade de atendimento também permite a fidelização da clientela. Tal acontece, segundo Moura, Lopes, & Pereira (2015, citando Cobra, 2003), pelo facto de muitas vezes clientes não estarem preocupados com o preço que vão pagar, mas sim com a qualidade de atendimento que terão. Assim, o sucesso da interacção entre eles costuma depender do comportamento do manicuro (vende um serviço) que interage com o comportamento da clientela (Moura, Lopes, & Pereira, 2015). Deste modo, os homens, ao trabalharem como manicuros, têm contribuído para a desmistificação da ideia de que existem profissões tipicamente femininas porque as pessoas, ao verem esses homens, percebem que não existem trabalhos “femininos” ou “masculinos”. As pessoas passam a ganhar consciência de que qualquer trabalho pode ser feito por quem tiver vontade de fazê-lo e começam a aceitar e respeitar essas escolhas, deixando de lado atitudes de discriminação e preconceito em relação as pessoas que fazem o trabalho.

6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

6.1. Conclusões

Essa pesquisa de Mestrado em Género e Desenvolvimento verificou que o trabalho dos manicuros é um trabalho antigo mascarado de novo. A prática antiga de cuidar das unhas está sempre em constante inovação, acompanhando as dinâmicas do mundo. No passado, essa prática era reservada a ocasiões especiais, mas hoje fazem parte do quotidiano de qualquer pessoa.

Em relação ao objectivo “analisar as motivações que levam o manicuro a escolher essa profissão” este estudo revelou que os manicuros escolheram este trabalho por gostarem e como forma de obterem sustento devido à falta de enquadramento no trabalho formal. Assim, este estudo contraria a Teoria de Gottfredson que diz que o critério sexo é o primeiro critério e principal influenciador da escolha profissional.

No que diz respeito ao segundo objectivo do estudo “os desafios que os homens manicuros enfrentam no exercício das suas actividades”, o estudo mostrou que alguns manicuros enfrentam desafios relacionados à própria natureza do trabalho, outros enfrentam o preconceito e há manicuros que consideram que não enfrentaram nenhum desafio.

No que diz respeito ao objectivo do estudo “as estratégias que eles enfrentam para superar os desafios enfrentados”, o estudo mostrou que eles adoptam duas (2) estratégias: aprender com os manicuros mais experientes e dedicar-se ao trabalho.

Quanto ao objectivo “aferir as percepções das pessoas em relação ao trabalho dos homens manicuros e o seu contributo para a desmistificação da ideia da existência de profissões consideradas tipicamente femininas em Moçambique”, o estudo concluiu que estes os manicuros contribuem para a desmistificação da existência de profissões estritamente femininas em Moçambique, na medida em que actualmente, as pessoas vêem com

normalidade o facto de um homem trabalhar como manicuro, apesar de alguns preconceitos que ainda prevalecem.

De forma geral, pode-se afirmar que os manicuros contribuem para a desmistificação da existência de profissões estritamente femininas em Moçambique, na medida em que actualmente, as pessoas vêem com normalidade o facto de um homem trabalhar como manicuro, apesar de alguns preconceitos que ainda prevalecem. Aliado a isso, está o facto de nos últimos tempos ser possível ver muitos homens trabalhando como manicuros, nos salões de beleza, nos mercados informais e nas avenidas. Esse facto pode ser constatado tanto na Cidade de Maputo, como na Cidade da Matola.

6.2. Recomendações

A presente pesquisa teve incidência apenas na avaliação da contribuições que os manicuros dão para a desmistificação do conceito género em Moçambique. Com o estudo, pretendia-se perceber qual é a percepção que as pessoas têm ao verem um homem a fazer um trabalho considerado tipicamente feminino. Contudo, durante o desenvolvimento da pesquisa pode-se perceber que o trabalho dos manicuros vai além da dimensão de género e que essa actividade, assim como muitas outras, consideradas de pouco prestígio, precisam de ser vistas como um trabalho que requer dignidade do trabalhador e boas condições de trabalho. Deste modo, uma vez que não foi possível explorar outras dimensões do trabalho de manicuros, recomendamos que os estudos futuros sobre a profissão manicuro tenham incidência no ambiente de trabalho; higiene e segurança no trabalho de manicuros; a prevalência de doenças infecciosas nos manicuros. Outro aspecto importante é a transmissão de saberes no trabalho de manicuros.

Para os estudos de género, recomendamos que se explore a percepção que os manicuros têm deles mesmos, por estarem a fazer um trabalho considerado tipicamente feminino, e a relação entre as diferentes motivações que levam os homens a exercerem esta actividade e o tempo em que permanecem no ofício, abrangendo também ex-profissionais, além do preconceito com a comunidade homossexual.

Além da recomendação para futuros estudos, recomenda-se também que seja feito o trabalho de conscientização, pelas autoridades de saúde, em relação aos riscos de possíveis doenças decorrentes do trabalho que fazem, bem como a formação profissional regulamentada ao nível de Estado. Recomenda-se, igualmente, a conscientização da mídia e influenciadores digitais para encorajarem os homens que trabalham como manicuros, fazendo a divulgação e recomendando o trabalho dos manicuros, nas plataformas digitais como Facebook, Instagram e outras.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, F. (2014). O conceito de trabalho nos clássicos de Sociologia. *Revista Espaço Livre*. Acesso em 01 de Maio de 2024, disponível em Vista do O Conceito de Trabalho nos Clássicos da Sociologia (redelp.net).
- Aquino, J. (1999). Autoridade e autonomia na escola: alternativas teórico-práticas. *Grupo Editorial Summus*. Acesso em 27 de Novembro de 2023, disponível em Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas - Julio Groppa Aquino - Google Livros
- Barbosa, I., & Silva, M. (2007). Cuidado humanizado de enfermagem: o agir com respeito em hospital universitário. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Acesso em 04 de Maio de 2023, disponível em SciELO - Brazil - Cuidado humanizado de enfermagem: o agir com respeito em um hospital universitário Cuidado humanizado de enfermagem: o agir com respeito em um hospital universitário.
- Barbosa, L. (2011). Desvalorização e invisibilidade do trabalho doméstico: reflexões iniciais. Acesso em 01 de Maio de 2023, disponível em DESVALORIZAÇÃO E INVISIBILIDADE DO TRABALHO DOMÉSTICO REFLEXÕES INICIAIS.rtf (itaporanga.net)
- Barros, R., & Barros, M. (2007). Da dor ao prazer no trabalho. Acesso em 23 de Abril de 2023, disponível em textobethbarrosdadoraoPrazer-libre.PDF (dl wqtxtslxzle7.cloudfront.net)
- Barros, S., & Mourão, L. (2018). Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. Acesso em 01 de Maio de 2024, disponível em <https://www.scielo.br/j/psoc/a/v6X4NdsLGPx7fmpJBCWxsdB/?format=html#>
- Beauvoir, S. (1949). O segundo sexo. Acesso em 01 de Maio de 2024, disponível em https://docs.google.com/file/d/0Bwm3dI13n5jIMDQwNTBIOTEtZGUzOC00OGZhLWJkNjAtMjFmNTU0ZGQxMmZk/edit?resourcekey=0-Qo0Cb_36oyyXon75XELU4w
- Bevilaqua, V., & Berni, L. (2017). Salão de beleza: um olhar sobre a saúde física e mental do trabalhador do setor de cuidados com as mãos. Fonte: Salão de beleza: um olhar sobre a saúde física e mental do trabalhador do setor de cuidados com as mãos | *Disciplinarium Scientia | Ciências Humanas* (ufn.edu.br)
- Butler, J. (2014). Regulações de género. *Cadernos Pagu*. Acesso em 07 de Maio de 2024, disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Tp6y8yyyGcpfdbzYmrc4cZs/>
- Cabral, F., & Dias, M. (1998). Relações de género. *Cadernos de Afetividade e Sexualidade na Educação: Um Novo Olhar*. Acesso em 24 de Janeiro de 2021, disponível em Texto_Relacoes_Genero (adolescencia.org.br)
- Cabral, F., & Diaz, M. (1998). Relações de género. Fonte: http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Relacoes_Genero.pdf
- Cappelle, M., & Melo, M. (2010). Mulheres policiais, relações de poder e de género na Polícia Militar de Minas Gerais. *Revista de Administração Mackenzie 11*.
- Chiziane, P. (2002). *Niketche-Uma História de Poligamia*. Lisboa: Editorial Caminho, SA. Fonte: https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=k4NKEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=niketche&ots=LVT3h-wGMx&sig=_yepWDPQ6uutrc3Swg1uPIJTes#v=onepage&q=niketche&f=false

- Cordeiro, C., Hemmi, A., & Ribeiro, G. (2013). Normas de biossegurança e ergonomia no trabalho: uma proposta de educação em saúde para manicuros e pedicuros de Diamantina, Minas Gerais. *EXTRAMUROS-Revista de Extensão da Univasf*. Acesso em 17 de Abril de 2023, disponível em periodicos.univasf.edu.br
- Costa, C., Chacon, L., Lima, A., Medeiros, R., & Almeida, M. (2015). Perfil, motivo de ingresso e de evasão dos graduandos de odontologia. *Revista de Odontologia*. Acesso em 02 de Maio de 2022, disponível em http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-38882015000300007
- Creswell, J. (2013). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*. (I. SAGE Publications, Ed.)
- Editora, M. (Ed.). (1999). *Dicionário Universal de Língua Portuguesa*.
- Eufrásio, B., Santos, C., & Novotny, V. (2011). O uso dos EPI's por profissionais de manicuro e pedicuro. Acesso em 16 de Junho de 2022, disponível em O PORQUÊ DA RESISTÊNCIA DAS PROFISSIONAIS DE MANICURO E PEDICURO QUANTO AOS USO DE EPIS (univali.br)
- Fielder, N., Guimarães, P., Alves, R., & F, W. (s.d.). Avaliação ergon.
- Fielder, N., Guimarães, P., Alves, R., & Wanderley, F. (2010). Avaliação ergonômica do ambiente de trabalho em marcenarias no sul do Espírito Santo. *Revista Árvore*. Acesso em 03 de Maio de 2024, disponível em SciELO - Brazil - Avaliação ergonômica do ambiente de trabalho em marcenarias no sul do Espírito Santo Avaliação ergonômica do ambiente de trabalho em marcenarias no sul do Espírito Santo.
- Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa*.
- Furtado, I. (2013). Gênero e profissões: uma análise empírica para Portugal. Acesso em 05 de Maio de 2022, disponível em [Genero e Profissoes2.pdf](#).
- Gallon, S., Magalhães, B., Viana, D., & Antonello, C. (2016). Formas de aprendizagem e saberes no trabalho de manicures. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*. Acesso em 26 de Janeiro de 2021, disponível em [001049207.pdf](#) (ufrgs.br).
- Gaviria, L. (2013). Emociones, saberes y condiciones de trabajos en los servicios: manicuristas en Colombia y Brasil. *Revista Latino-americana de Estudios de Trabajo*. Fonte: 81-Texto del artículo-113-1-10-20170925.pdf
- Gittelsohn, J., Steckler, A., Johnson, C., Pratt, C., Grieser, G., Pickrel, J., & Staten, L. (2006). Formative research in school and community-based health programs and studies: "state of the art" and the TAAG Approach. *Health Education Behaviour* 5 (1), 25-39.
- Gottfredson, L. (1981). Circumscription and compromise: A developmental theory of occupational aspirations. *American Psychological Association*. Acesso em 05 de Março de 2023, disponível em <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0022-0167.28.6.545>
- Gutterman, T. (2015). Description of sampling practices within five approaches to qualitative research in education and the health sciences. *Forum Qualitative Social Research*.
- Hirata, H., & Zarifian, P. (2003). O conceito de trabalho. *Coordenadoria Especial da Mulher*, 65-70. Acesso em 01 de Maio de 2024, disponível em [file:///C:/Users/User/Downloads/Trabalho_e_cidadania_activa_para_as_mulheres%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/Trabalho_e_cidadania_activa_para_as_mulheres%20(4).pdf)

- Ingold, T. (1995). Humanidade e animalidade. Acesso em 01 de Maio de 2024, disponível em <http://www.biolingagem.com/inuma/INGOLD%201994%20humanidade%20e%20animalidade.pdf>
- Januário, S. (2016). Masculinidades em (Re)construção: Género, corpo e publicidade.
- Leite, G., Figueiredo, L., Gomes, J., & Nunes, N. (2017). Divisão sexual do trabalho: panorama histórico da condição de igualdade da mulher na sociedade e na economia primitiva. *Revista Científica Interdisciplinar*, 2. Fonte: Vista do DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO: PANORAMA HISTÓRICO DA CONDIÇÃO DE IGUALDADE DA MULHER NA SOCIEDADE E NA ECONOMIA PRIMITIVA.
- Luria, A. (1991). A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais. Acesso em 01 de Maio de 2024, disponível em <https://www.marxists.org/portugues/luria/ano/mes/90.pdf>
- Machado, D., Santos, M., Bachiega, J., Côrrea, J., Mesquita-Ferrari, R., Fernandes, K., & Bussadori, S. (2010). A valiação do desconforto postural em manicuros. *ConScientiae Saúde*. Acesso em 18 de Abril de 2023, disponível em redalyc.org
- Moraes, R., Vasconcelos, A., & Cunha, S. (2012). Prazer no trabalho: o lugar da autonomia. *Revista Psicologia, Organizações e Trabalho*. Acesso em 08 de Fevereiro de 2022, disponível em Prazer no trabalho: o lugar da autonomia (bvsalud.org)
- Moura, R., Lopes, P., & Pereira, F. (2015). O relacionamento interpessoal entre vendedores e clientes utilizado como ferramenta estratégica para fidelizar clientes. Acesso em 04 de Maio de 2023, disponível em SciELO - Brazil - Cuidado humanizado de enfermagem: o agir com respeito em um hospital universitário Cuidado humanizado de enfermagem: o agir com respeito em um hospital universitário.
- Nascimento, F. (2016). Classificação da pesquisa. Natureza, método ou abordagem metodológica, objetivos e procedimentos. Acesso em 06 de Maio de 2024, disponível em <http://www.franciscopaulo.com.br/arquivos/Classificando%20a%20Pesquisa.pdf>
- Neto, F., Sastre, M., & Muller, E. (2001). Estereótipos de gênero nas profissões. *Psicologia, Educação e Cultura*. Acesso em 25 de Março de 2023, disponível em os3181/01 -capa ps (Converted)-2 (ispgaya.pt)
- Nogueira, C. (2001). Construcionismo social, discurso e género. *PSICOLOGIA*. Acesso em 07 de Maio de 2024, disponível em <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/490/260>
- Nogueira, F. (2020). Renovar a tradição: O artesão na sociedade contemporânea. Fonte: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/46209/2/ULFBA_TES_FilipaAlexandraNogueira.pdf
- Nogueira, S., & Castelhana, J. (2012). Gestão dos tempos e do percurso profissional: estratégias das mulheres em profissões definidas no masculino. Acesso em 01 de Maio de 2014, disponível em <https://journals.openedition.org/laboreal/7082>
- Oliveira, F., Alves, A., Santos, L., Santana, T., Silva, G., & Kameo, S. (2014). Adesão às medidas de biossegurança relacionadas à hepatite B por manicuros. Acesso em 18 de Abril de 2023, disponível em redalyc.org
- Oliveira, M., Gonçalves, M., Dias, C., & Zaganelli, M. (2020). O trabalho das mulheres em áreas relacionadas à tecnologia e engenharia: estudo de casos sobre a inclusão feminina na construção civil. Acesso em 01 de Maio de 2024, disponível em http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/1088

- Oliveira, P., & Ventura, R. (2018). As dificuldades enfrentadas por homens que exercem profissões rotuladas femininas na sociedade. *Repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso*. Acesso em 25 de Julho de 2022, disponível em Genero, profissoes e rotulos.pdf
- Paschoal, T., Torres, C., & Porto, J. (2010). Felicidade no trabalho: relações com suporte organizacional e suporte social,. *Revista de Administração Contemporânea 14 (6)*. Acesso em 21 de Abril de 2023, disponível em SciELO - Brazil - Felicidade no trabalho: relações com suporte organizacional e suporte social Felicidade no trabalho: relações com suporte organizacional e suporte social
- Pereira, P. (2008). Homens na enfermagem: atravessamento de gênero na escolha, formação e exercício profissional. Acesso em 02 de Maio de 2024, disponível em Homens na enfermagem : atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional (ufrgs.br).
- Perucchi, C., & Beirão, A. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefe de família. *Psicologia Clínica 19 (2)*. Acesso em 22 de Abril de 2023, disponível em SciELO - Brazil - Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família
- Pessoa, M., Vaz, D., & Botassio, D. (2021). Viés de gênero na escolha profissional no Brasil. *Educação Superior, profissões e trabalho*. Acesso em 03 de Fevereiro de 2022, disponível em <https://www.scielo.br/j/cp/a/GGGh6ct6TqyWGcXZRxsmtMb/>
- Postinguel, D. (2015). Homem homem, homem com h e homem-imagem: masculinidades midiáticas na cultura de consumo. Acesso em 01 de Maio de 2024, disponível em https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/91138631/Danilo_Postinguel-libre.pdf?1663349814=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DHomem_homem_homem_com_H_e_homem_imagem_m.pdf&Expires=1714927689&Signature=KjWacMqsMVtUhBzRh~~T-tBsEZmUTRQG~L8-gZGJwK-Y
- Praun, A. (2011). Sexualidade, gênero e suas relações de poder. *Revista Húmus*.
- Quitete, J., Vargens, O., & Progianti, J. (s.d.). Uma análise reflexiva do feminino das profissões. Acesso em 22 de Abril de 2023, disponível em [n2vol1ano1_artigo1.pdf\(abennacional.org.br\)](n2vol1ano1_artigo1.pdf(abennacional.org.br))
- Rabelo, A. (2010). "Eu gosto de ser professor e gosto de crianças"-a escolha profissional dos homens pela docência na escola primária. *Revista Lusófona de Educação*. Acesso em 22 de Abril de 2023, disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/349/34915599012.pdf>
- Rago, M. (1998). Descobrimo historicamente o gênero. *Revista Lusófona de Educação*. Acesso em 03 de Março de 2022, disponível em http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Relacoes_Genero.pdf
- Rapkiewicz, C. (1997). Informática: Domínio Masculino? Acesso em 25 de Janeiro de 2021, disponível em Informática: domínio masculino? |Cadernos Pagu (unicamp.br)
- Rossi, R. (2011). A revolta dos escravos na Roma Antiga e o seu impacto sobre a Ideologia e a Política da Classe Dominante nos Séculos II A. C. a I d.C.: Os casos da Primeira Guerra Servil da Sicília e da Revolta de Espártaco. Fonte: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/16655/Dissert-rafael-alves-rossi.pdf?sequence=1&isAllowed+y>

- Santos, D., Ribeiro, K., & Prudêncio, C. (2020). Práticas sociais e processos educativos sobre microbiologia com manicures de um município do sul da Bahia: algumas reflexões. Acesso em 07 de Julho de 2022, disponível em <https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/40161/28383>
- Santos, M., & Amâncio, L. (2014). Sobreminorias em profissões marcadas pelo gênero: Consequências e reacções. *Análise Social* 212. Fonte: AS_212_d04.pdf(ul.pt)
- Schwartz, Y. (2011). Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. *Trabalho, Educação e Saúde* (9). Fonte: <https://www.scielo.br/j/tes/a/HTF7DtBVhZfgVZXqhkPX4Mx/>
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Acesso em 03 de Julho de 2022, disponível em [scott_gender2.pdf](#) (ufsc.br)
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Acesso em 03 de Julho de 2022, disponível em [scott_gender2pdf](#) (ufsc.br)
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação e Realidade*. Acesso em 03 de Julho de 2022, disponível em [scott_gender2pdf](#) (ufsc.br)
- Scott, J. (2010). Gênero: ainda é uma categoria útil de análise? *Albuquerque Revista de História*. Acesso em 03 de Julho de 2022, disponível em [Vista do Gênero](#) (ufms.br)
- Silva, E. (2019). Sociologia do trabalho: o conceito de trabalho da antiguidade ao século XVI. *Sociedade Brasileira de Sociologia*. doi:DASOCD.pdf (philpapers.org)
- Silva, N., & Tolfo, S. (2010). Trabalho significativo e felicidade humana. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*. Acesso em 01 de Maio de 2023, disponível em [Trabalho significativo e felicidade humana: explorando aproximações](#) (bvsalud.org).
- Silva, S. (2010). Mulheres e feminilidades em culturas ocupacionais de hegemonia masculina. Acesso em 01 de Maio de 2024, disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/53016/2/86133.pdf>
- Simões, P., & Zucco, L. (2010). Homens no serviço social: primeiras impressões. *Libertas-Revista da Faculdade de Serviço Social*. Acesso em 04 de Julho de 2022, disponível em [Genero e Profissoes3.pdf](#)
- Siqueira, A., Betts, M., & Dell'Aglio, D. (2006). A rede de apoio social e afetiva de adolescentes institucionalizados no sul do Brasil. *Revista Interamericana de Psicologia*.
- Teixeira, L., & Silva, T. (2014). Doenças ocupacionais na enfermagem - Quando o trabalho adoeece. Fonte: [RevistaPró-UniverSUS](#)
- Teixeira, R., Rocha, C., & Menegotto, P. (2006). Valores de trabalho, gênero e escolha profissional na adolescência. *Revista Sociais e Humanas*. Acesso em 04 de Fevereiro de 2022, disponível em [Vista do Valores de Trabalho, Gênero e Escolha Profissional na Adolescência](#) (ufsm.br)
- Tílio, R. (2014). Teorias de Gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. Acesso em 22 de Julho de 2022, disponível em [Teorias de Genero.pdf](#)
- Toledo, L., & Shiaishi, G. (2009). Estudo de caso em pesquisas exploratórias qualitativas: um ensaio para a proposta de protocolo de estudo de caso. *Revista da FAE*. Acesso em 30 de Abril de 2024, disponível em [Vista do Estudo de caso em pesquisas exploratórias qualitativas: um ensaio para a proposta de protocolo do estudo de caso](#) (emnuvens.com.br).

Vieira, M., & Silveira, C. (2016). Condições de trabalho e vida de manicuros de um Município de Minas Gerais, Brasil. *Revista Portuguesa de Saúde Ocupacional*. Acesso em 18 de Abril de 2023, disponível em rpsso.pt